

85

LUSBELA

DRAMA

EM UM PROLOGO E QUATRO ACTOS

PELO

D^o JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

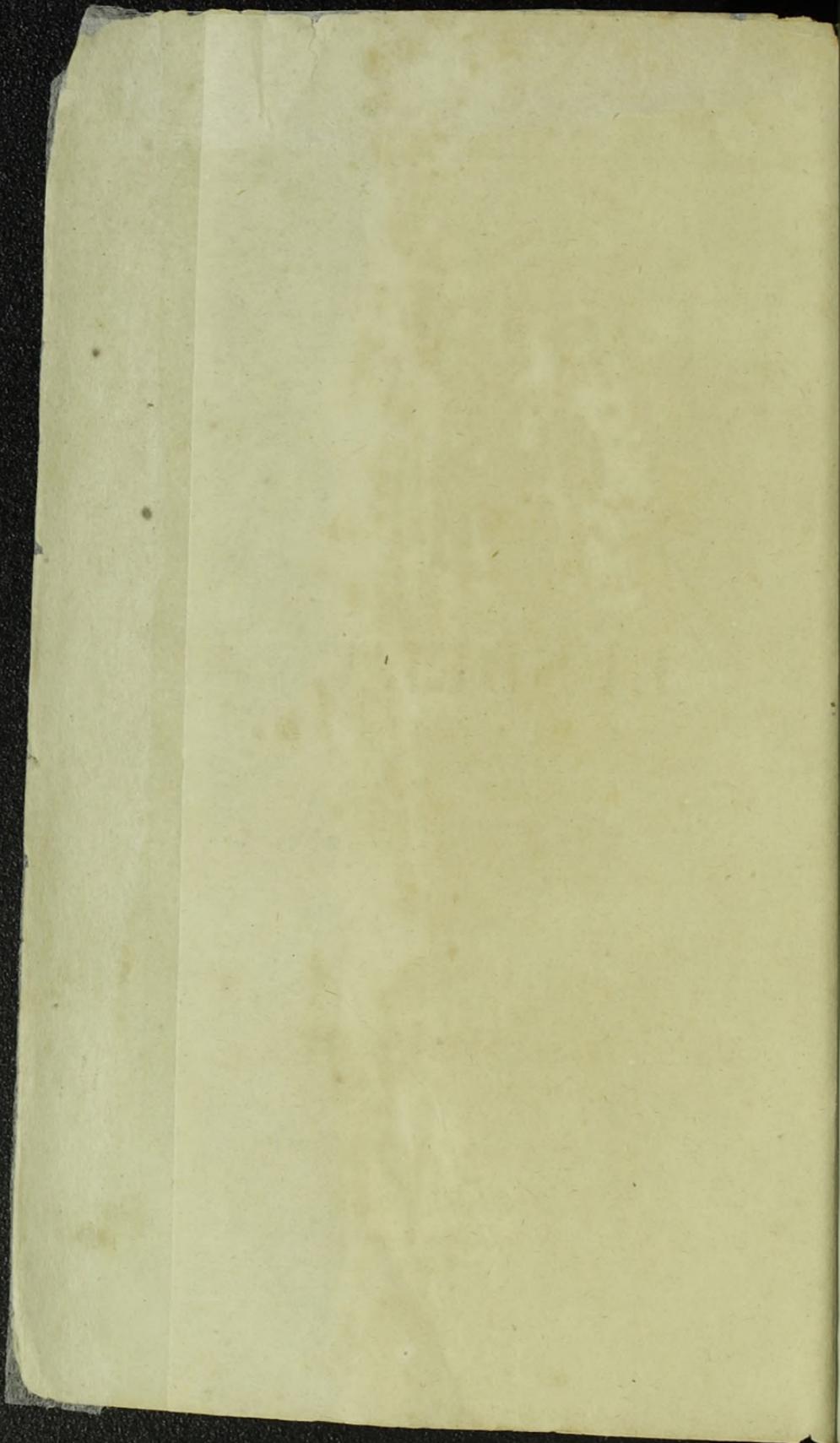
RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER, EDITOR

69, RUA DO OUVIDOR

PARIZ, GARNIER IRMÃOS, LIVREIROS, RUA DES SAINTS-PÈRES, 6

1865



LUSBELA

Reservados os direitos do auctor que protesta contra a reimpressão ou representação d'este drama em qualquer ponto do Brasil sem prévia licença sua.

LUSBELA

DRAMA

EM UM PROLOGO E QUATRO ACTOS

PELO

D^R JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

RIO DE JANEIRO

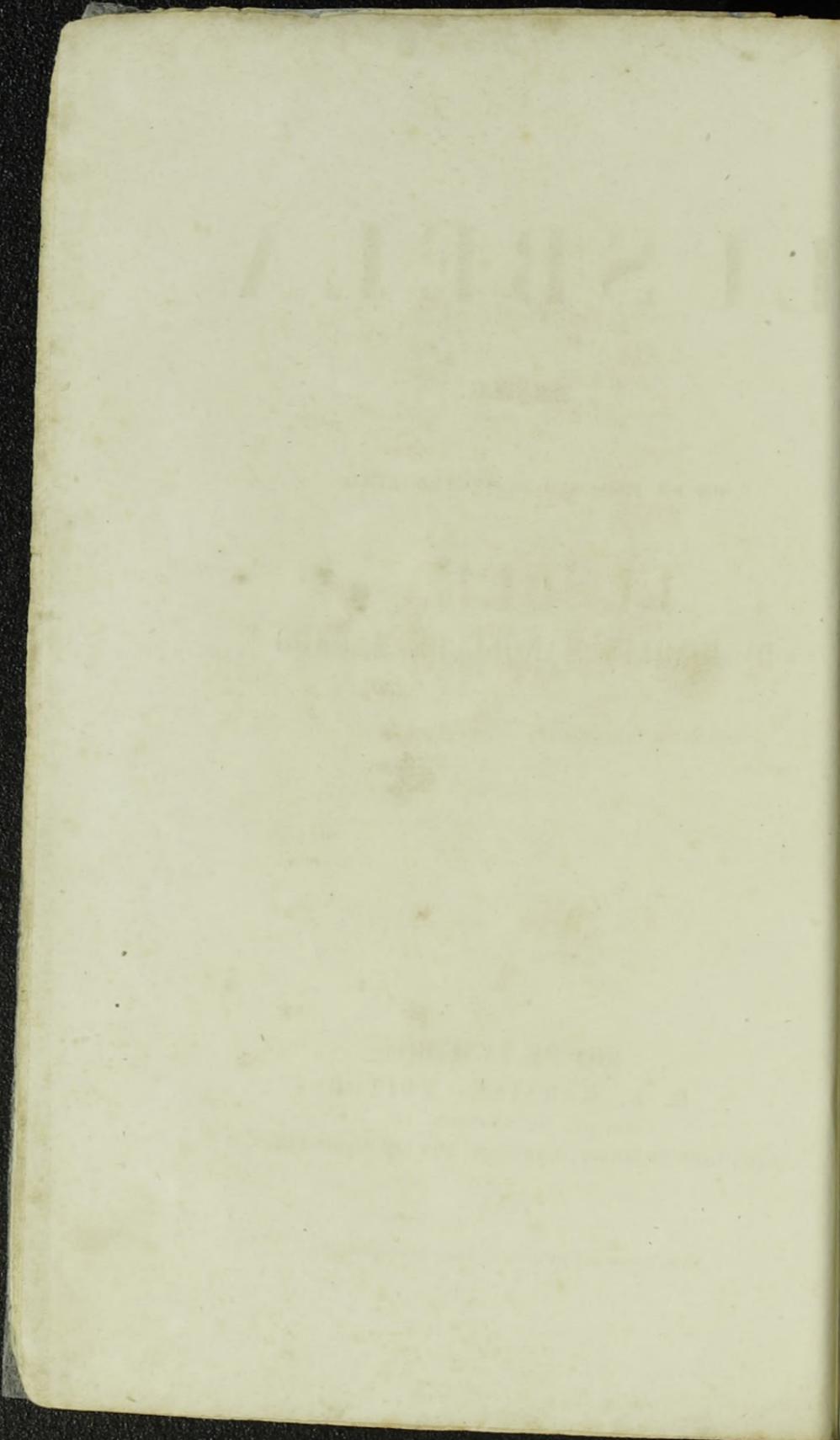
B. L. GARNIER, EDITOR

69, RUA DO OUVIDOR, 69

PARIZ, GARNIER IRMÃOS, LIVREIROS, RUA DES SAINTS-PÈRES, 6

—
1863

Ficão reservados todos os direitos de propriedade.



LUSBELA

DRAMA

EM UM PROLOGO E QUATRO ACTOS

PERSONAGENS :

PEDRO NUNES.
GRACIANO.
LEONEL DA SILVA.
LEONCIO DE ALMEIDA.
CEZAR.
AMADOR.
LEÃO.
JULIO.
UM MEDICO.
AUTORIDADE POLICIAL.
DAMIANA.
CHRISTINA.
LEONOR.
BEATRIZ.
LAURA.
CLAUDINA.
FLORISBELLA.
A BARONEZA.
A Noiva, que não falla.
Um Pagem, que não falla.
SENHORAS e CAVALHEIROS.
SOLDADOS DE POLICIA.

A acção do drama é passada na cidade do Rio de Janeiro.

Epocha, a actualidade.

LUSBELA

PROLOGO

theatro representa um espaçoso jardim que parece prolongar-se para o lado direito além da scena. Ao fundo uma alameda, rua principal que se alinha em direcção n'uma casa de campo que aliás não se vê. Ruas, arvores isoladas e em grupos; um repucho; bancos rusticos e de relva. Na frente e á esquerda uma casa terrea que se estende para dentro, e cuja sala é aberta aos olhos do expectador, e deita uma porta e janellas para a direita. Vêm-se instrumentos de jardineiro junto á parede da casa.

SCENA PRIMEIRA

DAMIANA, sentada em um banco rustico, lê com afflicção uma carta,
GRACIANO, vem da direita pela alameda e aproxima-se de manso.

DAMIANA.

Seduzida!... seduzida e indignamente desprezada!...
e ainda ousa escrever-me, ajuntando o escarneo á traição!...

é a minha sentença de morte. (Lê.) « Damiana, perdão... » como se pudesse haver perdão para o homem que nos des-honra. « Não posso resistir á vontade de minha mãe: vou casar-me com uma nobre e rica senhora... » uma nobre e rica senhora .. abysme-se pois na ignominia a pobre e humilde filha do jardineiro... « Os laços que nos união estão quebrados.... » sim..... elle, porém, não sentiu que para quebrar esses laços era preciso despedaçar-me o coração... « Eu tratarei no entanto de proteger-te: esquece-me; adeus. Leoncio de Almeida. » Esquecel-o!... quando me deixa n'alma o desespero do amor ultrajado, e o remorso pela innocencia perdida... em paga da paixão mais extremosa condemna-me ao opprobrio... e não receia que eu vá lançar-lhe em rosto a sua ingratição e o seu crime, porque sabe que eu devo chorar em segredo a minha desgraça e o meu arrependimento. (Chora.)

GRACIANO.

Nunca falta um consolador á uma alma afflicta.

DAMIANA.

Ah! (Levanta-se, afasta-se e esconde a carta no seio.)

GRACIANO.

Incommoda-se inutilmente para esconder-me esse bilhete que recebeu do snr. Leoncio de Almeida. Não o ponha em contacto com o seu mimoso seio, minha snra.; olhe que é um bilhete mais frio do que o gèlo, e como o seu coração é de fogo poderia constipar-se.

DAMIANA.

Snr. Graciano, já muitas vezes lhe tenho pedido o favor de não me importunar.

GRACIANO.

Até hontem, minha snra., teria esse pedido algum fundamento; hoje, porém, as circumstancias são outras e a adversidade nos aproxima e nos fraterniza. Recebemos ambos uma despedida, eu de viva voz, e a snra. por escrito. Cheguei ha pouco para dar a minha lição de piano ao meu discipulo; mas o snr. Leoncio de Almeida annunciando-me o seu proximo casamento, e prevenindo-me de que estava á espera da familia da sua noiva e de alguns amigos, declarou-me que d'ora avante dispensava os meus serviços, e consolou-me, dizendo que recommendaria o meu prestimo aos seus conhecidos. Adivinhei logo, minha snra., que uma outra despedida deveria ter-se effectuado, e não me enganei, pois que vim encontral-a derramando lagrimas sobre aquelle bilhete que escondeu no seio, e como supponho que o snr. Leoncio de Almeida não se lembrou de consolal-a, promettendo recommendal-a aos seus conhecidos, aproveitou o ensejo para apresentar-me. O inquilino do seu coração, minha snra., despediu-se, preferindo ir habitar um rico palacio, á viver idyllicamente em uma choupana, e eu venho, cheio de amor e de esperanza, pedir para mim o doce asylo que ficou vago.

DAMIANA.

Sabe de mais quaes são os meus sentimentos á seu res-

peito : fique tambem sabendo que desprezo as suas zombarias.

GRACIANO.

Não deve ser assim tão positiva, minha snra. ; o amor é um sentimento que rebenta de repente e as vezes contra a nossa vontade. Eu aposto que dentro em pouco a snra. vai reconhecer que me adora.

DAMIANA.

Senhor !

GRACIANO.

Por quem é! a confissão de um amor irresistivel não offende nunca á mulher que o-inspira.

DAMIANA.

Pela última vez lh'o-repito : desde a primeira hora experimentei, ao vel-o, uma tão profunda antipathia que apenas posso tolerar a sua presença; disse-me o coração e diz-me ainda que o snr. é um homem capaz de fazer mal. Deus permita que eu me engane! mas presinto que o snr. ainda me ha de ser fatal! deixe-me... julgue de mim o que quizer... calumnie-me, atassalhe a minha reputação, se isso lhe fôr agradável; deixe-me, porém, deixe-me!

GRACIANO.

Deixal-a, minha snra., é o único dos seus dezejos que não posso satisfazer. Apesar da sua crueldade, amo-a cada vez mais, e apenas modifiquei um pouco a minha maneira de amar; porque d'antes o meu amor era tímido

e agora é exigente; d'antes eu lhe offerecia a minha mão e o meu nome, e agora offereço-lhe simplesmente a minha protecção.

DAMIANA.

É um insulto, senhor!

GRACIANO.

Não é insulto, é franqueza. Amo-a, e a snra. ha de corresponder ao meu amor.

DAMIANA.

Nunca.

GRACIANO.

Vel-o-emos. Quero no emtanto mostrar-me transparente aos seus olhos. Fui um rapaz sem juizo; tive alguns bens da fortuna, e dissipei-os loucamente. Rico de amigos e de amantes em quanto era rico de ouro, achei-me abandonado e só, apenas confessei que estava pobre, e desde então tenho sido tão ludibriado pelos homens e pela sociedade, que para regenerar-me determinei desprezar o juizo dos homens, e escarnecer da moral da sociedade. Dous unicos pensamentos dirigem hoje minhas acções; gozar para ser feliz, e enriquecer para ser grande: e dou-lhe minha palavra que para enriquecer e gozar não ha meio algum de que eu não esteja prompto á servir-me.

DAMIANA.

E ainda bem que o snr. justifica a minha antipathia, e me autoriza a exigir que se retire immediatamente.

GRACIANO.

Mais dous minutos, minha snra. Sabe que a-amo, e por consequencia é claro que dezejo merecer todo, completamente todo o seu amor para satisfação de um dos meus pensamentos dominantes; e como não ha meio de que eu não esteja prompto a servir-me, ouzo declarar-lhe, minha snra., que se a antipathia com que me repelle, não se transformar desde agora em uma terna e apaixonada condescendencia, terei de contar hoje mesmo a seu pae uma historia curiosa e romanesca.

DAMIANA.

Uma historia... a meu pae?... Que inventaria o snr. para dizer á meu pae?...

GRACIANO.

Inventa-se tanta cousa! por exemplo : eu inventaria que certo mancebo amando ardentemente a Damiana, filha do pobre jardineiro Pedro Nunes, e sendo por ella desprezado, soube que essa moça era amante de Leoncio de Almeida, nobre cavalheiro, filho de uma rica baroneza, e impellido pelo ciume, veio perder noites inteiras, velando occulto n'aquelle grupo de arvores.

DAMIANA.

Oh!... é impossivel!...

GRACIANO.

E surprehendendo os segredos de uma janella que se abria á meia noite, ficou sabendo mais do que era preciso para confundir a mulher que o-desprezára.

DAMIANA, escondendo o rosto entre as mãos.

Desgraçada!...

GRACIANO.

Calcula o valor da historia que inventei?... Vale tanto como o amor que lhe peço, creio eu : quer compral-a, minha snra. ?...

DAMIANA

Antes mil vezes a morte!

GRACIANO.

Esta noite abrir-se-ha á hora do costume a janella que se abria para Leoncio de Almeida...

DAMIANA.

Não... jámais!

GRACIANO.

Seu pae chega... resiste ?...

DAMIANA.

Sempre.

GRACIANO.

Juro-lhe que hei de fallar.

DAMIANA.

Deus nos julgará.

SCENA II

Os PRECEDENTES e PEDRO NUNES, que volta do trabalho.

PEDRO.

Snr. Graciano! (Comprimentão-se. — A Damiana.) Como está minha mãe?...

DAMIANA.

O doutor achou-a muito melhor: ella animou-se, veio á sala, onde se demorou por meia hora, e voltando depois para o seu quarto, adormeceu tranquillamente.

PEDRO.

Ainda bem. (Vai até a porta como para observar e diz consigo.) Os seus olhos vermelhos e a tristura do seu rosto annunciação afflicção e dôr... é desde hontem que Damiana se mostra assim. (Voltando e sentando-se no banco.) Ah!... estou caíndo de cansado!... (Silencio.) Sr. Graciano, ainda tem mãe?...

GRACIANO.

Infelizmente não.

PEDRO.

Infelizmente... diz bem. Graças á Deus, a minha querida velha, apesar dos seus oitenta e tres annos, triumphou de um ataque cerebral, e é pelo céo conservada ainda para ventura de seu filho e de suas duas netas. A minha boa mãe! tão religiosa, tão nobre, tão rica de virtudes! é uma santa mulher, snr. Graciano: um pouco aus-

téra, é certo; mas a sua austeridade aproveita á minhas filhas... (Olha attento para Damiana.) Tambem um pouco orgulhosa da sua familia e do seu passado; o seu orgulho, porém, a-faz sorrir, quando ella olha para o meu sachó e a minha tesoura de jardineiro : pobre mãe! (A Damiana.) Continúa ainda muito fraca?...

DAMIANA.

Não, meu pae; mas o doutor insiste em dizer que é indispensavel o maior cuidado...

PEDRO.

Entendo. Elle julga que qualquer descuido, (olhando para Damiana) que qualquer desgosto... Oh!... se alguém tivesse a desgraça de dar motivo á morte de minha mãe!... (Observando que Damiana estremece.) Ella estremeceu, meu Deus!...

GRACIANO.

Que idéas são essas, snr. Pedro Nunes?... não vê que sua mãe escapou como por milagre do céu á uma tão perigosa enfermidade?...

PEDRO.

Tem razão : sou um louco. (Observando Damiana.) Mas... não sei porque, sinto-me triste; parece que o coração me presagia algum acontecimento funesto.

DAMIANA, á parte.

Aquelle homem não fallará; é impossivel.

GRACIANO.

Tristes andamos sempre todos nós os pobres, snr.

Pedro Nunes ; é a nossa condição ; não pôde haver alegria na pobreza.

PEDRO.

Pôde e ha, snr. Graciano ; pôde e ha, quando o pobre é honesto e laborioso : eu sou pobre desde muitos annos, e quasi sempre tenho vivido contente.

GRACIANO.

Não me acontece outro tanto. E o que observo é que uma linha fatal separa os homens em duas classes : em pobres e ricos ; em ricos que absorvem todos os gozos, todos os direitos, e que abúzão, corrompem e opprimem, e em pobres que soffrem, queixando-se debalde, que de-zêção e não têm ; que trabálhão e não colhem, e que são ultrajados impunemente em suas affeições e na sua honra. Eu aborreço os ricos.

PEDRO.

Perdoe-me dizer-lhe : nutre um sentimento ruim que sómente pôde ser inspirado pela inveja. Os homens ricos que são máos são máos por serem máos, e não por serem ricos. Ah ! quantos ricos são na terra as providencias dos pobres !... Quer um exemplo aqui mesmo ?... olhe para aquella casa de uma familia de ricos ; (Aponta para a direita.) e olhe para este asylo de uma familia de pobres. (Aponta.)

GRACIANO.

E o snr. Pedro Nunes acredita devêras que deve muito á familia da snra. baroneza ?...

PEDRO.

Ha vinte e cinco annos que ganho aqui o pão para minha mãe e minhas filhas.

GRACIANO.

Vinte e cinco annos! um acto de beneficencia, cujo principio pertence á historia antiga! Snr. Pedro Nunes, os tempos são outros agora : a humanidade tem degenerado espantosamente; os filhos deshónrão os nomes dos paes, e de ordinario encontra-se no filho da familia protectora o seductor da filha da familia protegida.

PEDRO, levantando-se e com ardor.

Quer dizer por tanto...

GRACIANO.

Que estou nos meus principios.

PEDRO, observando Damiana.

Mas eu tinha-me referido á familia da snra. baroneza e á minha.

GRACIANO.

E eu lhe respondi, fallando em geral.

PEDRO, dissimulando.

Muito bem... continue.

GRACIANO.

Se as minhas idéas o-incommóvão e contrarião...

PEDRO.

Não... não : eu me sentia triste... o snr. me está distraindo. . continue.

GRACIANO.

Digo e sustento que muitas vezes a caridade do rico é o manto da perfidia, com que elle se disfarça para armar uma horrivel traição ao pobre. Supponhamos um pobre, á quem o céu concedera uma filha bella e encantadora : ali vem logo um rico e nobre mancebo cercar de cuidados e de protecção o pae da joven formosa; eil-o com olhos cubiçosos devorando o rosto da moça inexperiente, respeitoso na presença do pae, terno e ousado á sós com ella, jurando-lhe o amor mais vehemente, promettendo-lhe ser seu marido, pedindo com instancia, e conseguindo, enfim, uma entrevista mysteriosa, e em resultado d'esta concessão imprudente, manchando para sempre em uma hora sinistra o seio virginal da infeliz moça : o seductor triumpho... chora a victima de balde... de balde porque seu pae é um pobre, e o pobre nada pode contra o rico.

PEDRO, com força.

Não! porque em tal caso o pae offendido, seja pobre ou rico, levanta-se até a altura da sua honra e da affronta que recebeu, esquece as leis de Deus e as leis dos homens, e no impeto da mais tremenda vingança, confundindo o seductor e a seduzida...

DAMIANA, dando um passo.

Meu pae!...

PEDRO.

Que te importa o que estou dizendo?... Ah! sim. . tu te revoltas contra uma indignidade que não comprehen-

des que seja possível observar-se no mundo ; tu pensas, como eu, que não pôde haver uma filha que, deshonrando-se, e deshonrando seu pae, o-agarre com as mãos impuras pelos seus cabellos brancos, e o-arraste para uma sepultura cavada pela ignominia... obrigado, minha filha, obrigado!...

DAMIANA, a Graciano.

Perdão... até amanhã ao menos... eu lh'o-peço...

PEDRO, que se tem afastado alguns passos, volta.

Interrompi-o rudemente; desculpe-me : bem vê que sou pobre e sou pae. Continue.

GRACIANO.

Não me interrompeu ; eu já tinha concluído.

PEDRO.

Fallava com tanta viveza, que cheguei a pensar que não era uma simples supposição que estabelecia.

GRACIANO.

Confesso que não foi precisamente uma supposição : narrei-lhe a desgraça de um amigo meu.

PEDRO.

Então... vamos adiante... o caso interessa-me ..

GRACIANO.

Ainda não sei qual foi a consequencia de um infortunio tão grande ; vou, porém, informar-me, e prometto que voltarei amanhã para contar-lhe o que houver aconte-

cido. (A Damiana.) Até amanhã, minha snra.! snr. Pedro Nunes...

PEDRO.

Até amanhã! (Acompanha Graciano que se retira, e depois de vel-o desaparecer, volta.)

DAMIANA.

Estou perdida! meu pae suspeita já do meu crime... vejo um abysmo aberto debaixo de meus pés... não tenho mais recurso na terra... e fujo tremendo do olhar ameaçador do meu pae. (Entra na casa, atravessa a sala, e sahe pela esquerda.)

SCENA III

PEDRO NUNES, que ao voltar vê DAMIANA entrar em casa.

PEDRO.

Ella me foge agora... ella estremecia á cada instante inda ha pouco... a simples suspeita que desde hontem me dilacera o coração vai-se tornando em uma certeza que será o inferno para a minh'alma!... Esta idéa me mata... mas se fôsse possivel que Damiana não tivesse descido até o último grão de aviltamento!... Meu Deus! se fôsse possivel! se a sua afflicção annunciasse apenas o desengano de um amor infeliz!... Meu Deus! se este pobre pae ainda pudesse abraçar a sua filha querida... se aquelle homem não contou a historia do crime de minha filha, ou, se ousando contal-a, o miseravel mentiu! meu Deus!... mas

eu não posso viver assim... não posso... é indispensavel que eu saiba toda a verdade... e hei de sabel-a, ainda que a verdade seja a vergonha e o opprobrio. (Entra em casa, fecha a porta, dirige-se para o quarto de Damiana; mas pára de repente.) E minha mãe!... (Vai á porta do quarto de Leonor e observa.) Ella dorme profundamente : ainda bem. (Entra no quarto de Damiana.)

SCENA IV

PEDRO NUNES, trazendo pelo braço a DAMIANA.

PEDRO.

Que fazias tu de joelhos?...

DAMIANA, hesitando.

Orava á Deus pela saude de minha avó.

PEDRO.

Acabas de mentir á Deus e á teu pae : não oravas pelo restabelecimento de minha mãe ; estavas pedindo á Deus o perdão de um crime abominavel que perpetraste. De joelhos!... de joelhos, outra vez! e agora á meus pés!...

DAMIANA, caíndo de joelhos.

Meu pae!...

PEDRO, voltando os olhos.

Desgraçada! falla baixo... minha mãe está dormindo, e se atordasse e ouvisse o que vás dizer-me... morreria de certo, e eu teria de matar-te.

DAMIANA, grito abafado e doloroso.

Ah!

PEDRO.

Eu quero saber tudo... tudo... Oh! não te lembres de esconder-me a verdade, porque eu lerei a verdade ou a mentira no teu rosto. Quero saber tudo, ouviste?... responde-me, pois... mas falla baixo... (Voltando os olhos.) Leoncio de Almeida, abusando da minha confiança, procurou ganhar o teu amor... (Procurando conter-se mas tremendo.)

DAMIANA.

Meu pae...

PEDRO.

Confessa...

DAMIANA.

É verdade...

PEDRO.

E tu... orgulhosa de tão alta conquista, animando logo...

DAMIANA.

Recusei-me por muito tempo á ouvil-o, mas adoecendo minha avó... elle foi assiduo junto do seu leito... e achando occasiões de ficar a sós comigo...

PEDRO.

Acaba...

DAMIANA.

Jurou-me que, se eu o-amasse, me pediria em casamento...

PEDRO.

E tu?...

DAMIANA.

Resisti ainda... mas acabei por acreditar...

PEDRO.

Insensata!... pensar que um mancebo nobre, rico e vaidoso... Mas depois... depois?...

DAMIANA.

Senhor...

PEDRO.

Prosegue...

DAMIANA.

Mais tarde... elle pediu-me uma entrevista... a meia noite... Recusei-me ao seu pedido... apesar disso veio e annunciou a sua chegada, cantando junto da nossa porta... tremi de susto... tive medo de que meu pae despertasse... eu já o-amava... e fui fallar-lhe da janella...

PEDRO.

A meia noite... uma filha desnaturada abriu uma janella para atirar á rua o nome, a honra, e o coração de seu pae que tranquillo dormia!... (Suffocado em pranto.) Desgraçada! tu abriste a sepultura de teu pae!

DAMIANA.

Não me amaldiçõe, pelo amor de Deus!...

PEDRO, colerico de novo.

Não acabaste ainda : prosegue !

LUSBELA.

DAMIANA.

Perdão!... é impossível!...

PEDRO, terrível.

Miserável!...

DAMIANA.

Perdão!... piedade!...

LEONOR, dentro.

Damiana!

PEDRO, levantando Damiana e cuidadoso.

Silêncio! nem um gemido... nem uma lagrima... a dôr
 mataria minha mãe!...

DAMIANA, em pranto.

Meu pae...

PEDRO, afflicto e impaciente.

Estanca essas lagrimas... ri, desgraçada! ri! não vês
 que eu tenho o inferno no coração e o socego no rosto?...
 ri! não vês que me estou rindo?...

SCENA V

PEDRO NUNES, DAMIANA e LEONOR.

LEONOR, da porta do quarto.

Que gritos fôrão estes?...

PEDRO, indo á Leonor e beijando-lhe a mão.

Nada foi, minha mãe; estou aqui; nada aconteceu; minha mãe vai sempre a melhor, não é?..

LEONOR.

Eu ouvi Damiana gritar...

PEDRO.

Sim... é verdade... mas fui eu que entrei de repente, e assustei-a sem querer...

LEONOR.

Damiana, vem cá. (Damiana obedece.) Pedro, Damiana chorou...

PEDRO.

É uma louca... assustou-se á ponto de quasi desmaiar.

LEONOR.

És um desastrado! (Magando Damiana.) Eu não quero que faças derramar uma só lagrima a este anjo de amor e de pureza. Se soubesses como ella me tratou na minha doença!...

PEDRO.

Eu sei o que devemos á Damiana, e até que ponto ella é amorosa... e pura...

LEONOR.

E que tens tu que tambem me pareces tam agitado?...

PEDRO.

Agitado, eu?... tão alegre... tão feliz...

LEONOR.

Procurão talvez encobrir-me alguma desgraça... terá succedido algum mal á Christina?... Pedro...

PEDRO.

Juro-lhe, minha mãe, que a nossa Christina está boa e travessa, como se póde ser aos oito annos de idade.

LEONOR.

Deixal-a ser travessa, em quanto é criança; quando fór moça, tomará juizo, e Deus ha de permittir que ella siga o exemplo de Damiana.

PEDRO.

Não... não... Deus permittirá que ella siga em tudo e sòmente o exemplo de minha mãe.

LEONOR, afagando a Pedro.

Lisongeiro!...

DAMIANA, á parte.

Que castigo horrivel estou soffrendo!

LEONCIO, dentro.

Vênhão! vênhão! as senhoras nos esperão no pavilhão.
(Damiana estremece.)

PEDRO, sustendo á Damiana.

Domina-te, infeliz! (A Leonor.) Vê... ella está hoje tão nervosa... que de tudo se assusta. Recolha-se, minha mãe, e faça Damiana descansar á seu lado... não a-deixe um instante... ella precisa de socego... vae... minha...

vae, Damiana, acompanha minha mãe. (Baixo á Damiana.) Cuidado! nem um instante fóra do quarto... (A Leonor.) Vá... vá... tome conta de... sua neta. (Esforçando-se por fazel-as ir.)

LEONOR, á parte.

Elles me occúltão algum segredo... (A Damiana.) Vem, Damiana... (Vão-se Leonor e Damiana.)

SCENA VI

PEDRO NUNES; e logo no jardim, LEONCIO DE ALMEIDA, JULIO e outros JOVENS.

PEDRO, cerra a porta do quarto, sahe para o jardim, cerra tambem a porta da casa, e fica immovel e de braços cruzados, esperando Leoncio.

Agora nós, snr. Leoncio de Almeida!

LEONCIO.

As senhoras enganarão-nos completamente, entrando pelo outro portão; vamos pois de manso para surprehendel-as... (Querendo seguir.)

PEDRO, dando um passo.

Snr. Leoncio de Almeida!

LEONCIO.

Snr. Pedro Nunes!... meus senhores, apresento-lhes no meu jardineiro um perfeito homem de bem. (Saúdão-o.) Até logo, meu amigo.

PEDRO.

Perdão... eu preciso dizer-lhe agora mesmo duas palavras...

LEONCIO.

Agora é impossível... tenho de conduzir estes senhores...

PEDRO.

Estes senhores o-desculparão : é indispensavel que Vossa Senhoria me ouça.

LEONCIO, á parte.

Esta insistencia é de máo agouro. (A Pedro.) Mas... eu já disse, que não era possível... minha mãe e algumas senhoras me esperão...

PEDRO, tomando-lhe o passo.

Embora... é indispensavel.

LEONCIO.

Snr. Pedro Nunes!

PEDRO.

Vossa Senhoria... ha de ouvir-me.

JULIO.

Nada de ceremonias, Leoncio ; nós vamos preceder-te, e desculpar-te-emos. Até já. (Vaõ-se. -- Momentos de silencio.)

LEONCIO.

Então?... que pretende o snr. dizer-me?... guarda silencio, quando para reter-me praticou uma inconvenien-

cia tão grave, que podia autorizar-me á lembrar-lhe as differenças que nos separão?...

PEDRO.

Erão duas as condições que nos separávão : uma subsiste ainda; é a sua riqueza e a minha pobreza : essa, porém, não o torna meu superior : a outra condição, a unica que poderia humilhar-me, ha uma hora que desapareceu. Não sou mais o jardineiro da sra. baroneza, e é sómente o cuidado da vida de minha mae que me retém n'aquella casa, que eu quizera ter já abandonado.

LEONCIO.

É possível que... (Á parte.) Desconfiaria elle...?

PEDRO.

Sr. Leoncio de Almeida ! nós somos iguaes pela educação ; eu sou, pelo menos, seu igual em relação á familia ; e em nobreza de sentimentos, em honra, nós somos... perdão !... seu pae era igual á mim.

LEONCIO.

Senhor !

PEDRO.

Vou recordar-lhe a minha historia, pois que me parece d'ella esquecido : a minha historia é um pouco tambem a sua. É preciso que me escute. Meu pae rico e honrado negociante d'esta capital, minha mãe descendente de uma nobre familia portugueza, eu filho unico e desveladamente educado caímos em completa pobreza em 1821 após a crise que succedeu a retirada do rei. Meu pae entregou

quanto possuia aos seus credores, e satisfez plenamente todas as suas obrigações. Bem vê que eu posso levantar a cabeça, e fallar com ufania da pobreza de meus paes.

LEONCIO.

Mas á que vêm agora estas recordações?...

PEDRO.

Em 1822 eu e meu pae acudimos em defesa da santa causa da independencia da patria : minha mãe era a primeira á excitar-nos, e nós assentando praça como voluntarios, pertencendo ao mesmo corpo e á mesma companhia, tivemos por capitão o snr. Gervasio de Almeida. A 2 de novembro, no combate de Pirajá, em um momento fatal, meu pae atirou-se adiante do snr. Gervasio de Almeida, recebeu um golpe que a este se dirigia, e caiu morto á seus pés. Snr. Leoncio de Almeida, meu pae morreu para salvar a vida de seu pae. (Breve silencio.) Eu bati-me na Bahia, bati-me depois nos campos do Sul e em 1827, na batalha de Itusaingo, vendo que o chefe do meu batalhão ia ser ferido pela lança de um gaucho, dei-lhe no meu corpo um escudo e cai nos seus braços banhado em sangue. Snr. Leoncio de Almeida, pela minha vez eu salvei a vida de seu pae.

LEONCIO.

Sim : eu o-sabia já ; como sei que meu pae demonstrou com o maior zêlo o seu reconhecimento.

PEDRO.

Sabia-o?... Meu Deus! e elle diz que o-sabia!... Fez-se

a paz : dêrão-me baixa : eu achava me inválido. O snr. Gervasio de Almeida obrigou-me á ir para a sua casa; tratou-me, e tão forte amizade nos uniu que ao querer deixal-o para procurar trabalho, forçou-me á ficar em nome d'aquelle puro sentimento. Fui eu mesmo que me sujeitei ao myster de jardineiro para pagar com o meu suór o pão que comia : minha mãe repugnou, mas cedeu. Minha mãe tinha razão. O snr. Gervasio de Almeida casou-se : quasi ao mesmo tempo casei-me eu tambem, e um anno depois o céu concedia um filho á cada um de nós : perdi o meu no fim de poucos dias, e o filho do meu amigo foi durante alguns mezes amamentado por minha mulher. Snr. Leoncio de Almeida, aquelle menino é hoje um mancebo, e chama-se Leoncio de Almeida!...

LEONCIO.

Eu sei de mais tudo isso, e prefiro antes...

PEDRO.

O snr. Gervasio de Almeida recebeu merecidamente o titulo de barão ; sua esposa tornou-se por isso altiva e soberba; elle, porém, não mudou de sentimentos; foi sempre o meu primeiro amigo, foi o padrinho de Damiana, e fel-a educar esmeradamente á sua custa ; encheu-me de beneficios, e, ha dous annos, poucos momentos antes de expirar nos meus braços, chamou a snra. baroneza, e disse-lhe : « Pedro Nunes é meu irmão. » (Breve silencio.) Snr. Leoncio de Almeida, eis aqui a nossa historia ! a historia do passado ! Não acha que o mundo havia de applaudil-a,

ouvindo-a?... Sim... sim... mas o mundo tremeria de horror, se passando da historia do passado para a do presente, eu lhe dissesse com o violento desespero de um pae ultrajado: e depois de tudo isso o filho de Gervasio de Almeida, o filho d'aquelle, por quem meu pae se deixou matar, d'aquelle por quem eu recebi um golpe de lança no peito, o filho d'aquelle que me chamou seu irmão e morreu nos meus braços, o homem que nos primeiros mezes depois de nascido foi amamentado aos peitos de minha mulher, Leoncio de Almeida, enfim, seduziu minha filha! seduziu a afilhada de seu pae!...

LEONCIO.

Snr. Pedro Nunes!...

PEDRO.

Snr. Leoncio de Almeida, eu venho pedir-lhe a honra de minha filha!... Eu sei tudo! quero que o snr. lave a nódoa que mancha a reputação de uma pobre menina... eu quero... eu exijo... bem vê que sou pae... é natural o meu arrebatamento... procurarei dominar-me... ainda é tempo de remediar tudo... eu confio na probidade do filho de Gervasio de Almeida...

LEONCIO.

Snr... bem vejo que seria inutil negar a falta que commetti em uma hora de desvario... mas... um segredo eterno...

PEDRO.

Não se trata de segredo... senhor!... trata-se de honra!...

LEONCIO.

Mas as circumstancias em que me acho, tendo um casamento ajustado...

PEDRO.

E minha filha, snr. Leoncio de Almeida?!!!

LEONCIO, á parte.

Esta situação é insuportavel... prefiro decidir de uma vez. (V Pedro.) Snr. Pedro Nunes... sua filha... é impossivel...

PEDRO.

Impossivel!... ah!... o snr. calcula com a sombra de seu pae para defendel-o do meu justo resentimento, e não comprehende que se a sombra de seu pae se erguesse da sepultura, seria para amaldiçoar e punir o filho que vilipendia a sua nobre memoria, o filho desnaturado...

SCENA VII

PEDRO NUNES, LEONCIO DE ALMEIDA, LEONOR e DAMIANA.

— Leonor agitada vem ouvir da porta o que diz Pedro, Damiana a-segue; afflicção em una e outra.

LEONCIO.

Senhor!

PEDRO.

Desnaturado! repito.

LEONCIO.

Sinto que me venha o insulto de um velho que tem na sua idade e na sua fraqueza o meio seguro de desarmar o meu furor; eu, porém, não o-respeito mais, tolero-o apenas, e para impôr-lhe de uma vez silencio, convido-o a lembrar-se de quem sou, e de que nunca seria acreditavel que eu me abaixasse a tomar por esposa a filha do meu jardineiro.

PEDRO, furioso.

Insolente!... (Com um rir de desespero.) Que nobreza a desses devassos que se podem cobrir de ouro e de sedas! elles se envergónhão do pobre, aviltão com o seu desprezo o operario, e o artista, e não se envergónhão, não se confundem, quando, perversos ladrões, roubão o unico thesouro, a riqueza toda da filha do pobre!... (Outro tom.) Acabemos com isto: eu quero a sua última palavra: disse-lhe que vinha pedir-lhe a reparação do seu crime.

LEONCIO, muito irritado.

A minha última palavra vai ser a justa resposta que merecem as injurias que ousou dirigir-me. A minha última resposta, eil-a: Confesso que commetti um erro lamentavel; como, porém, esse erro importa uma divida, eu pago-a, dando-lhe um dote para sua filha. Ah! o tem. (Arranca do bolso a carteira e atira-a aos pés de Pedro Nunes.)

PEDRO, corre a tomar um dos instrumentos de jardineiro e avança para ferir Leoncio.

Infame!...

SCENA VIII

PEDRO NUNES, LEONCIO DE ALMEIDA; LEONOR, que se mostra; DAMIANA, BARONEZA, A NOIVA, JULIO; SENHORAS e CAVALLHEIROS que éntão assustados.

LEONOR.

Pedro!... (Pedro fica immovel.)

BARONEZA.

Que é isto?...

LEONOR.

Meu filho! escuta a voz da moribunda...

PEDRO.

Minha mãe!

LEONOR.

O assassino é um reprobado aos olhos de Deus! ordeno-te que nunca levantes a mão sobre o infamador da nossa familia. É a minha última vontade: ordeno-te! obedece-me. (Pedro deixa cair a arma que tinha nas mãos.) Sejas para sempre abençoado, meu filho, como serão para sempre malditos o seductor e a seduzida! malditos! malditos! (Cae morta.)

GRITO GERAL.

Oh!... (Damiana cae de joelhos.)

PEDRO, abraçando o cadaver.

Minha mãe!... minha mãe!... (Levanta-se.) Assassinarão minha mãe!...

BARONEZA, aproximando-se.

Infeliz!...

PEDRO.

Não! não se chegue, snra. baroneza!... o cadaver d'esta pobre velha não deve ser tocado pelas mãos da mãe do assassino... Oh!... Vossa Excellencia mancharia suas brancas mãos!... (Ao cadaver.) Descansa, minha mãe, descansa na terra, na terra que é de todos, na terra que dá o pão a todo aquelle que trabalha, na terra que tem os vermes que devóirão igualmente o cadaver da mãe do pobre, e o cadaver da baroneza!... (A todos.) Eu vos detesto a todos!...

DAMIANA, de joelhos junto do cadaver.

Perdão!... perdão!...

PEDRO, agarrando-a.

Tu mataste minha mãe!... filha maldita, vem! (A noiva.) Minha snra., o seductor de minha filha vai ser seu marido: é um nobre e rico mancebo e como tal deve offerecer lhe um thalamo nupcial tão alto, que Vossa Excellencia não poderia subir a elle sem um degráo: dou-lhe eu pois o melhor dos degráos, para que Vossa Excellencia pise sobre elle com os seus pés de noiva feliz... ah! o-tem... é a victima de seu marido! (Tira Damiana aos pés da noiva, e vai lançar-se sobre o cadaver de Leonor.)

FIM DO PROLOGO.

ACTO PRIMEIRO

Sala ornada com elegancia e luxo; janellas de grades de ferro á esquerda; ao fundo duas portas, uma á direita abrindo para o interior da casa, a outra á esquerda communicando com a rua. Ao lado direito uma porta abrindo para um quarto; um piano entre as portas do fundo.

SCENA PRIMEIRA

AMADOR, LEÃO, CLAUDINA, LAURA, FLORISBELLA; uns de pé, outros sentados; CEZAR, que entra ao levantar-se o pano.

CEZAR.

Porta aberta, entrada franca. (Entra.) Viva a agradavel companhia!...

TODOS.

Cezar!...

CLAUDINA, correndo a elle

Meu Cezar!...

CEZAR.

Teu?... vá feito : reconheço-te por minha metropole, e declara-me tua colonia, salvo o direito de proclamar a minha independencia d'aqui a cinco minutos; mas onde está a princeza da festa d'este bello dia?...

LEÃO.

Este bello dia vai tomando o aspecto de um feio dia de inverno, em que o sol apparece tarde por causa da neblina.

CEZAR.

Como?...

FLORISBELLA.

A rosa ainda não se desabotoou.

AMADOR.

Ah! minha filha! quando te vem á cabeça arranjar figuras de rhetorica, fazes sempre muito má figura.

CLAUDINA.

Eu tambem protesto : é pelo contrario porque a rosa ainda se conserva desabotoada, que nós estamos impacientes. Se Rosa Lusbela já tivesse acordado e abotoado o vestido, de certo que nos teria vindo receber.

CEZAR.

É revoltante!... manda-nos convidar para um almoço pelo seu anniversario natalicio, e dorme á somno solto até depois de meio dia!... (Olhando pela fechadura da porta da direita.) Escuro como brêu!

LAURA.

Pois se ali é, conforme dizem, o palacio do sol, devera ser claro, como o dia.

FLORISBELLA.

Eu aposto que Rosa Lusbelá dorme o dia inteiro para escapar de fazer annos hoje, suppondo que fica assim com um de menos.

CLAUDINA.

Mas positivamente isto vai passando os limites da sem cerimonia e tomando uns ares de pouco caso.

LAURA.

Que offende o melindre e a honra de todas nós...

LEÃO.

Declaro que exactamente n'esses dous pontos eu não sou solidario com as senhoras.

LAURA.

O snr. não pensa no que diz...

FLORISBELLA.

E Rosa não pensa no que faz ou é uma insolente...

CEZAR.

Alto! respeitemos os privilegios da loucura da mais formosa das loucas.

CLAUDINA.

Da mais formosa!... dou-te baixa de meu Cezar.

CEZAR.

Não se lembrão de que ella se chama Rosa Lusbela?...
d'onde lhe veiu a alcunha de Lusbela?...

AMADOR.

Do brillantismo dos seus olhos fascinadores.

FLORISBELLA.

Amador, acabas de convencer-me de que és um tolo.

CEZAR.

Não : Lusbela vem de Lusbel que é o primeiro dos demonios : pôzerão-lhe a alcunha de Lusbela no theatro de S. Pedro de Alcantara em uma noite em que Rosa applaudia freneticamente as proezas de Lusbel no drama : « Os milagres de S. Antonio. »

LAURA.

E como então vocês se apaixonão tanto pelo demonio?...

CEZAR.

Porque o demonio tenta, minha filha, e quando é um demonio de saia põe em bolandura os corações masculinos. Lusbela! nunca ouvi alcunha mais apropriada! Rosa é um verdadeiro Lusbel : appareceu-nos, ha oito annos, de subito como um raio, e sem que alguem soubesse donde viera, como todos os diabos dos castellos antigos, e, ha oito annos, uma eternidade na vida louca, conserva ella em suas mãos o sceptro da petulancia, da orgia, da libertinagem, da ruina, e da fascinação. Abysmo de ouro

devora e consome todos os thesouros : coração de mármore e olhos sem lagrimas sacrifica sem piedade no altar da dissipação a fortuna dos seus adoradores; symbolo de capricho, de loucura e de impudencia contradiz todas as vontades, repelle todas as affeições, festeja todos os odios, insulta todas as conveniencias, e na rua, nos theatros, nos hoteis, nos banquetes ostenta a sua devassidão, ri ás gargalhadas da moral e da sociedade, e apesar disso, ou antes por isso mesmo, não ha dia em que não conquiste novos escravos, que vêm jungir-se ao seu carro triumphal de Venus impura. É um prestigio terrivel, um encanto que lhe dá a sua alcunha — Lusbela! — demonio de saia!... viva Rosa Lusbela!...

LEÃO e AMADOR.

Viva!...

CEZAR.

Então vocês não gritão?...

CLAUDINA.

Ah! os demonios me caúsaõ horror...

FLORISBELLA, a Amador.

Meu anjo, se aquillo tudo foi encanto da alcunha, eu tambem quero ser alcunhada, ainda mesmo com um nome muito peór. Anda, pequeno, arranja-me uma alcunha.

AMADOR.

Não penses nisso, minha filha; olha que te chamas

Floribella, e se te pözessem uma alcunha, correrias o risco de te ficarem chamando Florisfeia.

FLORISBELLA.

Ah! então não quero!...

LEÃO.

Mas eu não posso tolerar por mais tempo este somno do diabo. Vou despertar a mulher satanica com um discurso. (Bate na porta do quarto.) Oh Lusbela! resplandecente planeta!...

FLORISBELLA.

Resplandecente planeta não serve; diga insaciavel cometa...

CEZAR.

Vamos mal. Em regra, os discursos fazem dormir e não acordar. Appellemos para a musica. Amador, pois que assim te chamas, na tua qualidade de amador debes tocar alguma cousa : ao piano! tu acompanhas, eu então um canto infernal, e todos me fazem côro.

AMADOR.

É impossivel : aborreço tão profundamente a musica, que ainda espero ser nomeado director de algum theatro italiano, ou pelo menos professor do Conservatorio.

CLAUDINA, correndo para o piano.

Toco eu, meu Cezar...

CEZAR.

Ah, Claudina! que tu arranhavas, já eu sabia, ha muito; mas que tocavas, não.

CLAUDINA.

Vamos !... (Cântão : Damiana entra ao ir terminar a musica : todos a-
rodêão.)

SCENA II

LEÃO, AMADOR, CEZAR, CLAUDINA, LAURA, FLORISBELLA ;
DAMIANA, ricamente vestida, entra pelo fundo seguida de um pe-
queno PÁGEM, que logo se retira para o interior da casa.

DAMIANA, triste e contrariada.

Que !... não poderei libertar-me de vós !...

TODOS, cercando-a.

Viva Lusbela !... viva Lusbela !...

DAMIANA.

Quem os autorizou a vir perturbar a paz e o socego
que desde dous mezes gozo na minha casa?...

CLAUDINA.

E esta?... bem disseste, Cezar, que Rosa era o demonio.

CEZAR.

Pois mandas convidar-nos para um almoço, e em vez
de fazer-nos ir para a mesa, mostras-nos a porta da
rua?...

DAMIANA.

Eu convidal-os?... ha dous mezes, repito, abandonei
a vossa companhia.

LUSBELA.

FLORISBELLA.

Sabiu-lhe o diabo do corpo : vai acabar em irmã de caridade.

AMADOR.

Pois não nos mandaste convidar para um almoço, Rosinha?...

DAMIANA.

Eu?... por quem e por que motivo?...

LEÃO.

Graciano convidou-nos á todos em teu nome.

DAMIANA.

Graciano mentiu. (Senta-se melancolica no sofá.)

CLAUDINA.

Misericordia! então não almoçámos?...

CEZAR.

Não é hoje o dia dos teus annos?...

DAMIANA.

Já nem sei em que dia nasci.

CEZAR.

Por consequencia foi hoje, Lusbela, e tanto mais que hoje é o dia de todos os santos, e assim indisputavelmente o dia do teu santo tambem.

DAMIANA.

Já disse que Graciano mentiu. Quero ficar só.

CLAUDINA.

E eu quero almoçar! quero almoçar!...

FLORISBELLA.

Graciano não mentiu!... (Risadas dos cavalheiros.)

SCENA III

LEÃO, AMADOR. CEZAR, LAURA, CLAUDINA, FLORISBELLA, DAMIANA, e GRACIANO.

GRACIANO.

Menti; confesso que menti.

LAURA, FLORISBELLA e CLAUDINA.

E o almoço?..

GRACIANO.

Jejuem hoje por conta dos seus peccados.

CLAUDINA.

Peccados?... peccadoras nós?... nós que amamos tanto ao proximo, snr. Graciano?...

CEZAR.

Mas que zombaria foi esta?... que significa este falso convite?...

GRACIANO.

Significa uma diligencia habilmente combinada para se conseguir a prisão de uma desertora. Leão, tu que és

o rei dos animaes; Amador, tu que pelo teu nome te reconheces o mais tolo dos homens; Cezar, tu que me recordas um dos heroes mais libertinos, e vos outras, Laura, Claudina, Florisbella, vós que sois tres das mais legitimas representantes da vida louca, dizei-me, se não vale a pena perder um almoço para reconquistar a Proserpina fugitiva, a deusa infernal que depois de abraçar o nosso mundo, recolheu-se, ha dous mezes, ao reino das trevas : Lusbela, emfim, Lusbela que caiu de novo em nosso poder, e que commovida ao ver-nos mortos de fome, e desesperada por não ter um almoço para offerecer-nos, vai sahir connosco e connosco almoçar ostras e vinho de Sauterne, e o diabo com vinho de Champagne no hotel de Italia.

TODOS.

Apoiado! bravo! bravo!...

DAMIANA.

Basta : creio que a escrava do mundo pôde ao menos ser senhora em sua casa e trancar as portas, quando de-zeja estar só.

CEZAR.

E porque a louca, a phrenetica dictadora da orgia ha de transformar este bello theatro de ardentes prazeres em uma gruta de anachoreta, e condemnar-se, ha dous mezes, á solidão?...

DAMIANA.

De uma vida que foi de todos, a ninguem se dá contas. Não vol-o direi.

GRACIANO.

Pois n'esse caso direi eu.

DAMIANA, levantando-se.

Tu?...

GRACIANO.

Srs., Rosa Lusbela está apaixonada, e chora os err os passados por não poder mostrar-se botão em vez de rosa aos olhos de Leonel da Silva.

DAMIANA.

Graciano!

CEZAR.

Rosa Lusbela apaixonada!... é sublime!... (Risadas.)

FLORISBELLA

Incendiou-se um sorvete!

CLAUDINA.

Coitadinha! bebeu um copo de elixir de amor, pensando que era Cognac!

DAMIANA.

É de mais! pois bem : eu amo Leonel da Silva! amo-o, sim, e tenho orgulho d'este amor!

TODOS.

Bravo! sublime!...

SCENA IV

LEAO, AMADOR, CEZAR, GRACIANO, LAURA, CLAUDINA,
FLORISBELLA, DAMIANA e BEATRIZ.

BEATRIZ, da porta.

Com licença...

DAMIANA.

Beatriz!... (Corre a Beatriz e fica fallando-lhe ao fundo.)

CEZAR.

Esta velha que veiu interromper-nos, tem cara de Venus do tempo passado, reformada em Mercurio no tempo presente.

CLAUDINA.

Mas o Champagne... as ostras?...

LAURA.

E o diabo com todos os vinhos?...

LEÃO.

Proponho...

GRACIANO.

Não ha que propôr : um almoço nos espera no hotel de Italia...

TODOS.

Viva! viva!...

GRACIANO.

Insisto, porém, na minha idéa : devemos reconquistar Lusbela, e a orgia, á que vamos dar principio no hotel, ha de vir terminar-se aqui, no bello inferno do mais bello demonio.

TODOS.

Apoiado! bravo!...

DAMIANA.

Emfim! (Voltando.) Penso que bastante se tem abusado da minha paciencia. Pela ultima vez, torno a repetir : Quero estar só.

CLAUDINA.

E não ha remedio senão fazer-lhe a vontade. Evacuaremos a praça por falta de viveres.

GRACIANO.

Sim; mas sahimos bradando ainda e sempre : Viva Lusbela!...

TODOS.

Viva! (Vão-se.)

SCENA V

DAMIANA e BEATRIZ.

DAMIANA.

Venceste, não é verdade?... ella vem?... fallar-lhe-hei finalmente?...

BEATRIZ.

Depois de um mez de trabalho, vai com effeito cair em nossas mãos a namorada do snr. Leonel da Silva. O velho enfezado, que sempre acompanha a filha quando esta tem de ir ás casas das suas freguezas de costuras, foi hontem para fóra da cidade, não sei a que negocio, e deixou a menina entregue á velha beata sua companheira : corri logo a dizer que uma snra. chamava a menina para encarregal-a de fazer-lhe um rico vestido, de que precisa d'aqui a tres dias, e a velha, não querendo confiar-me a pequena, ficou de trazel-a hoje ás tres horas da tarde; graças, porém, á velhice e ás molestias, juro que a bruxa não subirá as escadas e ficará lá embaixo no meu quatinho conversando comigo.

DAMIANA.

O essencial é que eu falle a essa menina. Arrependo-me agora d'aquella carta que Leoncio de Almeida recebeu, ha quinze dias; mas eu precisava crear embaraços ao amor de Leonel, e além disso devo estar segura, de que Leoncio nunca suspeitará que essa carta partiu de mim.

BEATRIZ.

Sem dúvida : o creado com quem fallei nem ao menos me conhece; mas o que me espanta é que haja um homem que possa olhar para aquella costureira depois de ter visto uma moça como D. Rosinha.

DAMIANA.

Já não ignoro que essa costureira é uma linda menina,

e sobre tudo é innocente e pura, e eu sou Rosa Lusbela, Rosa o demonio, Rosa a pervertida impudente, e hoje não ha arrependimento que possa apagar a memoria do meu passado. A flamma de um santo amor veiu abraçar a minh'alma no meio da devassidão; mas foi tarde! foi muito tarde! os raios do sol não purificão as águas immundas do charco.

BEATRIZ.

Tambem isso é rebaixar-se muito : e depois a rapariga caindo em nosso pôder, de certo não sahirá d'elle melhor do que nós.

DAMIANA.

Tive esse negro pensamento, mas já passou : o amor de Leonel enche o meu coração de sentimentos generosos. Convencerei essa menina da loucura da sua paixão; dar-lhe-hei os meios necessarios para ser feliz longe d'aqui; ameçal-a-hei talvez... mas fazer-lhe mal... não... não... desde dous mezes eu creio que pouco a pouco vou-me tornando boa por um milagre de amor, e ha momentos em que até chego a pensar que é possivel que Deus me mandasse um anjo trazer-me o perdão e a felicidade.

LEONEL, dentro.

Licença; preciso fallar-te, Rosa.

DAMIANA.

É o anjo que vem trazer-me a felicidade!...

SCENA VI

DAMIANA, LEONEL DA SILVA e BEATRIZ, que logo se retira.

DAMIANA.

Leonel!... (A Beatriz.) Deixe-nos. (Vai-se Beatriz.) Leonel!...
mas pareces tão triste!...

LEONEL.

Sim, triste; porque tu me fizeste mal, e porque venho
entristecer-te.

DAMIANA.

Eu fazer-te mal?... eu?...

LEONEL.

Encontrei-te, ha dous mezes, Rosa; admirei a tua beleza, o teu espirito, a tua educação que o aviltamento da libertinagem ainda não pode destruir de todo : lamentei o teu viver desgraçado; mas attrahido por um motivo que não conheces, repetidas vezes me viste aqui a teu lado, sem que uma só vez eu te lembrasse a lastima da tua condição, nem mesmo fingindo um sentimento que aliás não terias o direito de reputar um insulto.

DAMIANA.

Que pretende dizer, Leonel?...

LEONEL.

Quero dizer que pagaste mal a minha delicadeza; por-

que, ainda ha pouco, fui saudado na rua, como o amante de Lusbela, por uma turma de dissolutos que sahirão da tua casa e que protestarão ter de ti mesma ouvido a confissão do nosso amor.

DAMIANA.

É falso : eu não disse que era amada por ti : encerrava no coração um segredo encantador e suavissimo... elles viêrão, provocarão-me, zombarão de mim, e em um momento de imprudencia usei revelar o meu arcano; mas... Leonel... eu disse apenas que te amava...

LEONEL.

Eu, porém, nunca te amei; eu não te amo, Rosa.

DAMIANA.

Leonel! porque me fallas assim?... que culpa tem o rei de que a mais triste mendiga enlouqueça de paixão por elle?...

LEONEL.

Perdão; mas é indispensavel que eu t'o-diga : adoro uma mulher candida e pura, e a simples suspeita do teu amor poderia manchar-me aos seus olhos.

DAMIANA.

Leonel!...

LEONEL.

Tu és bella como um anjo; és, porém, um anjo decaído: não escondes, ostentas a tua ignominia e com tal escandalo, que um homem que se estima, se em um momento

de desvario cede ao poder dos teus encantos, para aproximar-se de ti, espera a hora sombria da noite, e vergonhoso entra ás occultas em tua casa, tremendo e receioso de ser visto, como se commettesse um crime.

DAMIANA.

E porque tantas vezes tens calcado aos pés o dever, e apparecido em minha casa, Leonel?...

LEONEL.

Vinha ver-te frequentemente, porque um capricho da natureza deu ao teu rosto alguns traços do semblante da mulher que amo : não é que te pareças com ella, não; ha, porém, em ti um não sei que inexplicavel, que sempre me faz lembrar d'ella, e, perdoa-me outra vez, não era por tí mesma, era sómente por ella que eu te olhava embevecido.

DAMIANA.

Leonel! quando, ha pouco, te annunciaste, eu pensei que Deus me enviava um anjo de misericordia; e não foi, não; foi pelo contrario o derradeiro desengano que veiu de novo impellir-me para o mal!...

LEONEL.

És uma mulher terrivel : conheço desde dous dias toda a tua historia : é preciso que nos separemos para sempre : adeus! pôrdoo-te o mal que me querias fazer, mas esquece-te do meu nome. (Vai partir e Damiana o-retém.)

DAMIANA.

Um momento! disseste que conhecias a minha historia;

lembra-m'a : Lusbela vai despertar... quero ouvir a minha historia; conta-a... se não mentiste, conta-a.

LEONEL.

Não menti : escuta. Não te chamas Rosa, e eu respeito o sentimento que te fez esconder o teu verdadeiro nome.

DAMIANA.

Ainda bem! continúa.

LEONEL.

Tu te deixaste perverter por um laçao da casa em que teu pae servia como jardineiro.

DAMIANA.

É verdade : e esse laçao chama-se Leoncio de Almeida, teu primo, que me seduziu jurando que seria meu marido.

LEONEL.

Meu primo?... como?... será possível?...

DAMIANA.

Prosegue : que mais te disse teu nobre primo?...

LEONEL.

Amaldiçoada por teu pae, em vez de procurar merecer o teu perdão pelo arrependimento, correste preceptada á provocar os depravados do mundo...

DAMIANA.

Resisti por muitos mezes ao meu infortunio; quiz viver honestamente; tinhão-me dado alguma instrucção : pro-

curei e fui pedir trabalho, e recebi insultos e proposições aviltantes. Foi assim que provoqueei os depravados do mundo.

LEONEL.

Devias lutar ainda. Não ha virtude sem constancia e a humiliação que estavas provando era o justo castigo da tua culpa. A sociedade tinha o direito de desprezar-te.

DAMIANA.

A sociedade!... ouve: luctei; chegou, porém, a miseria: eu já tinha medo de saber, porque um homem indigno me seguia sempre, urdindo a minha completa perdição. Uma noite o desespero da fome arrastou-me até a casa de uma antiga companheira de collegio: era a fome, Leonel! eu não ia mais pedir trabalho, ia pedir esmola e pão! vi a casa brilhante de luzes, não me lembrou que podia ser uma noite de festa, cheguei á escada, e o pae d'aquella que fôra minha amiga atirou-me ao rosto uma injuria, e por sua ordem dous escravos empurrárão-me grosseiramente para a rua.

LEONEL.

E depois... e depois...

DAMIANA.

Fiquei immovel... quasi desanimada; depois a musica soou... depois vi parar uma carruagem á porta da casa... vi apear-se Leoncio de Almeida... e em breve olhando para um terraço illuminado que se levantava sobre um jardim, tornei a ver o meu seductor cercado e festejado

por senhoras e cavalheiros. Então eu tive horror d'essa sociedade, de que, ha pouco, fallavas; d'essa sociedade que despreza e atropella as seduzidas, e que abre o seio aos seductores; d'essa sociedade que condemna a mulher que é fraca e que succumbe, e que rende cultos ao homem que é forte e que tyranniza. Não poude mais : soltei um grito de dor profunda e cai desmaiada.

LEONEL.

Seria melhor que tivesses então morrido!

DAMIANA.

Depois de tres dias de febre e de combate com a morte, tornei á mim, e achei-me na casa do homem que sempre me seguira, na casa de Graciano que me havia recolhido : esperava ganhar forças para fugir-lhe, quando uma noite bebendo um licor que elle me apresentou em nome do medico, adormeci logo depois, para acordar no inferno com a certeza da minha degradação.

LEONEL.

Mas Graciano é em tal caso um perverso, e tu lhe perdoaste o seu crime, e ainda hoje te abaixaste á recebê-lo?

DAMIANA.

Que me importava mais e que me importa o seu crime?... Desde aquella hora de desperto infernal, o meu coração palpitou com todo o impeto do odio; e agora sim, Leonel, agora tu podes contar a minha historia : eia pois! sem cerimonia : que sabes-tu de mim?...

LEONEL.

Sei...

DAMIANA.

Não sabes nada! dir-me-ias o que todos dizem; mas não sabes que eu ardi em uma sêde de vingança horrivel, e que abominando os homens e a sociedade, e abysmando-me nos vicios mais hediondos, eu experimentava um prazer satanico, quando depois de accender a paixão em um homem rico, devorava-lhe a fortuna em troco de fingidas caricias, e ao sentil-o enfim arruinado, empurrava-o com a ponta do meu pé para o desprezo do mundo : não sabes que eu me ufanava de perverter o mancebo inexperiente, e de insultar á luz do dia os costumes e a moral da sociedade; não sabes, não, que o vicio era o flagello do meu corpo, e a vingança a delicia da minh'alma!...

LEONEL.

Sei, desgraçada, que bem mereceste a alcunha que te pôzêrão, Rosa Lusbelá, Rosa o demonio!

DAMIANA.

Não sabes nada, Leonel! não sabes que esse demonio viu um dia Leonel da Silva e amou-o : amou-o com o ardor e a pureza de um primeiro amor; por elle aborreceu a devassidão, chorou a sua vergonha, tornou a amar a virtude, e resumiu todos os sonhos de sua louca imaginação em um anhelô unico, o ser escrava de Leonel da Silva, escrava em corpo e alma, escrava só e nada mais : não sabes que esse amor podia regeneral-a aos olhos de Deus,

e fazel-a sorrir outra vez para a vida; porque esse amor era a aurora de um novo dia, depois de uma noite de nove annos : não sabes, enfim, que Leonel da Silva veiu hoje completar a obra de seu primo, ferir com o desprezo e a injuria o pobre amor da triste arrependida, e despertar o odio e a vingança no coração de Lusbela! Sou já outra, snr. Leonel da Silva! eia!... á orgia!... ao escandalo!... vem, Graciano! Cezar! Claudina! todos, sim, vinde todos!... voltae!... estou prompta!... á orgia! á orgia!...

LEONEL.

Infeliz, escuta...

DAMIANA.

Eu não sou infeliz! eu sou Rosa Lusbela! rainha da libertinagem, vou outra vez sentar-me no meu throno impudente!

LEONEL.

Rosa, ha em tuas palavras o acento da loucura : modera-te : se não podes ter em mim um amante, has de ter um amigo para guiar-te pelo caminho do bem. Voltarei amanhã : tu me interessaste mais do que pensas com a narração das tuas desgraças, e se fallaste a verdade, pôde ser que ainda te seja util a minha protecção. Até amanhã, Rosa. (Vai-se.)

SCENA VII

DAMIANA, s6.

Já não póde haver amanhã para nós, snr. Leonel da Silva! morremos hoje um para o outro: separa-nos o odio... separa-nos um abysmo. Filha amaldiçoada, é preciso que eu ceda ao impulso irresistivel de uma praga tremenda: o meu destino é fazer mal, fal-o-hei. (Ouve o signal de tres horas.) Tres horas! soarão á proposito: venha pois a formosa costureira, que eu protesto tornal-a em breve uma digna rival de Rosa Lusbelá. Quem me dera saber como se riêm os tigres para rir-me tambem como elles, contemplando a victima!... Sinto passos...

SCENA VIII

DAMIANA, CHRISTINA e BEATRIZ, que logo se retira.

BEATRIZ.

Eis aqui a interessante menina que esperava. A senhora que a-acompanha pede desculpa por não ter podido subir.

DAMIANA.

Vá fazer-lhe companhia. (Vai-se Peatriz.) Venha sentar-se, bella menina.

CHRISTINA.

Minha senhora, eu lhe agradeço a bondade com que se digua tratar-me.

DAMIANA.

Sente-se. (À parte.) É na verdade formosa... tanto melhor : aborreço-a ainda mais por isso mesmo. Vingar-me-hei, fazendo que o vicio destrua a pureza dos seus encantos... aviltal-a-hei... (A Christina.) Porque se sentou longe de mim?... venha para mais perto...

CHRISTINA.

Minha senhora... tanto favor... (Senta-se perto de Damiana.)

DAMIANA.

Desejei experimentar a sua habilidade de modista e costureira que muito me gabávão, e applaudo uma idéa que deu-me occasião de ver uma menina verdadeiramente encantadora. (Pega-lhe nas mãos ; affaga-a.)

CHRISTINA.

Ao seu lado, minha senhora, não posso parecer bonita.

DAMIANA.

É uma impiedade estragar com a tesoura e com a agulha essas mãos de princeza ! A menina não nasceu para trabalhar, nasceu para ser adorada.

CHRISTINA.

Mas o trabalho da-me tanto prazer !

DAMIANA, á parte.

A sua innocencia contrasta horriavelmente com o quadro

da minha vida! Foi talvez esta a magia que encantou Leonel. Vingar-me-hei!...

CHRISTINA.

Estou ás suas ordens, minha senhora.

DAMIANA.

Póde tomar-me a medida. (Levántão-se; Christina toma medida.) Como se chama?...

CHRISTINA.

Christina.

DAMIANA, á parte.

É o nome de minha irmã!

CHRISTINA.

É muito bemfeita, minha senhora. (Vai medir-lhe o comprimento da saia e curva-se.)

DAMIANA.

Agradecida. (Á parte.) Eil-a curvada á meus pés! quizera vel-a sempre n' esta posição... Mas porque se chama ella Christina?... porque me veio lembrar minha irmã?... (A Christina.) Que idade tem?...

CHRISTINA.

Desesette annos.

DAMIANA, á parte.

E ainda como Christina! a mesma idade de minha irmã! (A Christina.) Admira-me não ter ouvido fallar a respeito da menina, ha mais tempo.

CHRISTINA.

Estamos na côrte, ha quatro mezes apenas.

DAMIANA.

Então é provinciana?

CHRISTINA.

Não, minha senhora; sou carioca; mas, ha nove annos, que meu pae viu-se obrigado a retirar-se para uma povoação do interior.

DAMIANA.

Nove annos!...

CHRISTINA.

E nem ainda teriamos voltado para a côrte, se a necessidade de prover a nossa subsistencia não nos forçasse a vir procurar trabalho.

DAMIANA.

Pois não se achava trabalho n'essa povoação?...

CHRISTINA.

Sim; e meu pae trabalhava muito; mas adoeceu e doente ficou dous annos: sentimos então todos os tormentos da miseria, e foi preciso...

DAMIANA.

Acabe...

CHRISTINA.

Foi preciso que eu viesse trabalhar para mim e para meu pae que, graças á Deus, aqui se restabeleceu.

DAMIANA.

Triste sorte!

CHRISTINA.

Triste, porque, minha senhora?... É tão agradável a uma filha o trabalhar para seu pae! e o meu então que ama-me tanto!... A senhora ainda tem a felicidade...

DAMIANA, interrompendo-a.

Não... não... eu já não tenho pae.

CHRISTINA.

Perdoe-me.

DAMIANA.

E porque não me falla de sua mãe?...

CHRISTINA.

Desgraçadamente não cheguei a conhecer minha mãe : fui creada por minha avó paterna, que morreu, ha nove annos.

DAMIANA.

Ha nove annos!... (Á parte.) Como tambem a minha! É singular!... estas coincidencias... Meu Deus! não... não... é impossivel! (A Christina.) Não tem irmãos?

CHRISTINA.

Tive uma irmã oito annos mais velha que eu, e que morreu no mesmo dia em que minha avó expirou.

DAMIANA.

Mais velha oito annos... e no mesmo dia!... e a menina lembra-se de tel-a visto morrer?

CHRISTINA.

Não, minha senhora; eu estava então no collegio.

DAMIANA.

No collegio... oh!... mas... sabe com certeza que sua irmã morreu?

CHRISTINA.

Foi um golpe tremendo: meu pae adorava minha irmã, e sentiu tanto a sua morte, que não poudé mais ouvir fallar da pobre filha, e até me prohibiu pronunciar o seu nome, sob pena de maldição.

DAMIANA.

E como se chamava sua irmã?...

CHRISTINA.

Bem vê que não posso repetir o seu nome.

DAMIANA.

E seu pae... seu pae, como se chama?...

CHRISTINA.

Minha senhora, eu vejo que a estou incommodando.

DAMIANA.

O nome de seu pae?... como se chama seu pae?...

CHRISTINA.

Gustavo.

DAMIANA, á parte.

Não é minha irmã. Mas... quem sabe se a vergonha não obrigou meu pae a mudar o seu nome, como tambem

mudei o meu?... quem sabe?... (A Christina.) Menina, eu sei que seu pae não se chama Gustavo...

CHRISTINA, confundida.

Como?... que quer dizer, minha senhora?...

DAMIANA.

Seu pae... chama-se... Pedro Nunes...

CHRISTINA.

Pelo amor de Deus, não o-diga á pessoa alguma! meu-pae não quer que se saiba!...

DAMIANA.

Então... é... é... verdade!... Oh!... vem!... tu és minha... minha... Christina!... (Abraça-a e beija-a.)

CHRISTINA.

Que significa isto?... mas... eu tambem a-abraço com alegria! peço-lhe que me explique...

DAMIANA, de joelhos.

Senhor meu Deus! bendita seja a vossa misericordia que se estende até a mulher perdida! (Abraça Christina.) Christina!... Christina!... (Atira-se no sofá chorando.) Oh! eu não posso, eu não devo chamal-a minha irmã!...

CHRISTINA.

Que pranto é esse?... Minha senhora, essas lagrimas depois dos abraços e dos beijos que recebi, fazem-me pensar que algum segredo de familia...

DAMIANA, levantando-se.

Não, não ha segredo algum. Christina, eu amei tua

mãe, amei tua avó... amo teu pae, Christina! eu... eu fui amiga de tua irmã... eu te conheci, e te amei, quando eras ainda creança e...

CHRISTINA.

Então abraçe-me outra vez... beije-me de novo em nome de todos aquelles que amou; abraçe-me, beije-me, porque tambem a-amo!... então!...

DAMIANA, querendo abraçal-a.

Christina! (Suspende-se : limpa as faces e a fronte de Christina com o lenço.) Oh! não! eu não devia ter-te beijado : não digas nunca que os meus labios tocarão as tuas faces e a tua fronte. Pobre innocente! deixa que eu te ame e te contemple... mas de longe, como um leproso que adora o filho e que receia contaminar-o! Já é muito para mim, meu Deus! eu não merecia tanta felicidade!

SCENA IX

DAMIANA, CHRISTINA, BEATRIZ, e logo PEDRO NUNES.

BEATRIZ.

D. Rosinha, estavamos á janella, quando o pae d'esta menina passou e vendo a senhora que a-acompanhára, veio fallar-lhe, e logo que soube que a filha estava aqui, não houve meio de contel-o, quiz entrar e...

DAMIANA.

Elle! grande Deus!

PEDRO vai cumprimentar Damiana, reconhece-a, recua, deixa cair a bengala, abre os braços.

Oh!... oh!... minha filha!... minha filha!... (Damiana corre, pára, ajoelha-se, com um dedo na boca recommenda silencio, e com a outra mão mostra Christina, que ouvindo os gritos de Pedro, atira-se em seus braços. Confusão de Pedro.)

CHRISTINA.

Meu pae!... (Cae-lhe nos braços.)

SCENA X

DAMIANA, CHRISTINA, BEATRIZ, PEDRO NUNES, GRACIANO, CEZAR, AMADOR, LEÃO, LAURA, CLAUDINA, FLORISBELLA, e logo LEONCIO DE ALMEIDA, e LEONEL DA SILVA

GRACIANO E OS SEUS.

Viva Lusbelal... viva Lusbelal...

DAMIANA, com um grito pungente e escondendo o rosto.

Oh!...

PEDRO, como aterrado.

Lusbelal... quem é aqui Lusbelal...

LEONCIO, da porta e trazendo Leonel.

Leonel da Silva! eis a irmã da mulher a quem pretendes dar o teu nome!... (Pedro abraça Christina de modo á esconder-lhe o rosto e leva-a com desespero, lançando um olhar terrível sobre Damiana.)

FIM DO ACTO PRIMEIRO.

ACTO II

A mesma decoração do acto primeiro. — É noite; a sala está apenas sufficientemente illuminada.

SCENA PRIMEIRA

BEATRIZ, só.

Está me lembrando aquelle bom tempo em que ainda moça e bonita achava sempre velhos ricos para fiadores das casas que alugava e rapazes que me pagávão carros para ir ás festas da Penha, onde eu brilhava com os vestidos de mangas de presunto e com o penteado do trepamoleque. Uma noite levárão-me ao theatro de S. Pedro, e gostei muito de ver o Victor fazer na peça um papel de creado de dous annos. Correrão os annos; dizem que tornei-me velha, redusirão-me á procuradora de amores alheios, e hoje tambem me vejo creada de dous annos;

porque sirvo á D. Rosinha nos laços que arma ao snr. Leonel, e espio D. Rosinha por conta do snr. Leoncio de Almeida. Trabalho muito; mas os dous amos pã-gão bem. O peór é que a scena passada aqui hoje poz a triste Lusbelá em tanta afflicção, que receio vel-a endoudecer. Ha uma hora que se trancou no seu quarto. Que pretenderá ella fazer?... Enfim... creio que abre a porta.

SCENA II

BEATRIZ e DAMIANA.

BEATRIZ.

Acha-se mais socegada?...

DAMIANA.

Perfeitamente tranquilla. Diga-me : a esta hora ainda se poderia encontrar Leoncio de Almeida na cidade?

BEATRIZ.

Sem dúvida. Aquelle monstro nunca se retira antes da meia noite para a chacara, onde tem desterrada a infeliz mulher.

DAMIANA dá uma carta.

Tome esta carta : corra, vá á casa de Leoncio ; se o não encontrar, exija que algum creado a-acompanhe ao lugar onde elle estiver : insista por fallar-lhe, e sem falta, Beatriz,

entregue sem falta com a sua propria mão essa carta á Leoncio de Almeida, e volte immediatamente.

BEATRIZ.

Então o negocio é grave?...

DAMIANA.

Já devia ter partido, Beatriz!

BEATRIZ.

Eu corro, e como se se tratasse da sua vida. (Vai-se.)

SCENA III

DAMIANA, e logo GRACIANO.

DAMIANA.

Corre, sim, mas não é da minha vida, é da minha morte que se trata. Filha amaldiçoada, irmã fatal, escandalo vivo, mulher indigna, cuja fama faz a vergonha e a desgraça de seus parentes, é preciso que eu livre a terra do meu pêso; mas o meu cadaver deve cair nos braços do homem que me sacrificou. Quero que Leoncio de Almeida testemunhe a minha agonia e que trema de horror, ouvindo a minha última palavra, porque eu hei de passar do mundo para a eternidade com uma impreciação de vingança nos labios.

GRACIANO, dentro.

Venho ver se já serenou a tempestade. (Apparece.)

DAMIANA, correndo á elle.

Graciano! Graciano! como chegaste á proposito!...

GRACIANO.

Devéras?... precisavas de mim?...

DAMIANA, apertando-lhe as mãos.

Muito! mas eu sou uma ingrata! tinha-me esquecido de ti: lembrei-me só de Leoncio de Almeida.

GRACIANO.

Mão: não gosto da companhia de Leoncio de Almeida, quando se trata da tua affeição.

DAMIANA.

Mas deves comprehender que nas mais suaves recordações do passado a minha memoria vos encontra ligados por um laço de flores.

GRACIANO.

Peór: a suavidade d'essas recordações parece-me trazer um travo de fel, e o teu laço de flores tem um não sei que de uma cadeia de espinhos. Queres que te diga?... acho-te um pouco mysteriosa, quasi que ia dizer sinistra, e confesso que isso me contraria muito.

DAMIANA.

Porque?...

GRACIANO.

Desejava conversar contigo á respeito de um negocio muito grave e que póde influir extraordinariamente sobre o teu futuro.

DAMIANA.

Em tal caso apressa-te, meu bom Graciano; não percas tempo; o futuro é sempre tão facil de escapar-nos!...

GRACIANO.

Sim; fallarei, apezar das tuas insuportaveis ironias. Desde algum tempo desejo encetar, e tenho sempre adiado esta conversação; hoje, porém, as circumstancias urgem, e até essa terrivel scena que, ha poucas horas, aqui se passou, me excita a confiar-te um segredo gravissimo.

DAMIANA.

Nada receies : o teu segredo nunca poderá ser por mim revelado : eu te juro... posso jural-o até pela honra de meu pae.

GRACIANO.

Escuta : uma dôr profunda te abate... não o-negues ; julgas que chegaste á uma situação desesperada sem recurso, sem regeneração possivel para ti : desprezada pelo mundo, amaldiçoada por teu pae e por tua irinã, vês o termo dos teus infortunios sómente bem tarde no descanso da morte : enganas-te, Damiana; ha na terra um pôder miraculoso que regenera o passado ainda o mais hediondo.

DAMIANA.

Como deve ser precioso o teu segredo, Graciano!...

GRACIANO.

Esse pôder é a riqueza : o encanto do ouro é irresistivel : o ouro purifica ainda mais do que o fogo : todos ou

pelo menos, quasi todos rendem cultos á opulencia; sublime, portentoso Lethes, que faz esquecer os vicios, a depravação e os crimes : sobre isto não se discute : é axioma : enriquece pois, torna-te millionaria, e eu te protesto que não somente arranjarás um brilhante casamento para tua irmã, como tu mesma te poderás casar facilmente, achando só embaraços na escolha do melhor entre cem pretendentes.

DAMIANA.

Admiravel segredo foi o teu, Graciano!

GRACIANO.

Espera : o meu segredo consiste no meio seguro de te enriqueceres prodigiosamente e em pouco tempo.

DAMIANA.

Entendo : queres ensinar-me os mysterios do jogo que te faz nadar em rios de dinheiro; queres ensinar-me a jogar e a ganhar sempre, industrial-me na arte de arrancar da mina tremenda das cartas o ouro que a inexperiencia vem entregar ao empalmador... queres...

GRACIANO.

Não quero nada que com isso se pareça. Quem te fallou em jogo?... O jogo é algumas vezes o pretexto com que se esconde a verdadeira fonte de uma inexplicavel opulencia. Eu te asseguro que é outro, e esse infallivel, o meio que te quero ensinar para te achares millionaria em poucos mezes.

DAMIANA.

Espera até a manhã, e decidirás então se estou no caso de aprendel-o.

GRACIANO.

E porque não hoje e agora mesmo?...

DAMIANA.

Porque hoje sou eu que te quero dar um presente que deves partilhar com Leoncio de Almeida.

SCENA IV

DAMIANA, GRACIANO, e BEATRIZ apressada.

BEATRIZ.

D. Rosinha... D. Rosinha... meu Deus!...

DAMIANA.

E Leoncio de Almeida?...

BEATRIZ.

Que pretendia fazer?... que loucura é essa?...

DAMIANA.

E Leoncio de Almeida?...

BEATRIZ.

Não a-deixarei mais um instante : protesto que não ha de matar-se.

GRACIANO.

Matar-se!...

DAMIANA.

Atreveu-se então a abrir o meu bilhete?...

BEATRIZ.

Eu não era capaz de o-fazer; mas encontrei o smr. Leoncio em casa no meio de uma roda de rapazes, que ouvirão ler o seu bilhete em voz alta, e...

DAMIANA.

Acabe...

BEATRIZ.

E romperão todos os malvados em gargalhadas; todos menos o smr. Leonel da Silva, que sahio logo commovido e apressado.

GRACIANO.

Matar-se! (Á parte.) Esta mulher vai servir-me perfeitamente!

DAMIANA.

E enfim... depois das gargalhadas... que mais?...

BEATRIZ.

Um dos rapazes escreveu esta carta que todos assignarão e ordenarão-me que lh'a-viesses entregar com este outro papel. (Entrega a carta e um papel enrolado.)

GRACIANO.

Esta carta contem por força uma insolencia: não a-leas.

DAMIANA.

Adivinho que desejas saboreal-a; toma-a pois; mas lê alto.

GRACIANO, recebendo a carta e o embrulho.

Era melhor não ler; como, porém, o-exiges... (Lê.) « Bella moribunda, estás á exhalar o ultimo suspiro e chamas Leoncio para resuscitar-te : demora a catastrophe, prolonga a tua agonia até a manhã : esta noite Leoncio está comprometido com todos nós em um lasquenet endiabrado; mas se não pôdes esperar e queres á todo trance morrer abraçada com o feliz rapaz, em falta do original, consola-te com a copia que ahi te mandâmos, e que chegou, ha pouco, da photographia. JULIO; CEZAR; AMADOR... »

DAMIANA.

Basta!... é de mais!... (Senta-se irritada.)

GRACIANO, desenrolando o papel.

O retrato de Leoncio de Almeida!...

BEATRIZ.

D. Rosinha... não faça caso... e sobre tudo esqueça-se...

DAMIANA, levantando-se.

Deixe-me!

BEATRIZ.

Eu me retiro; mas voltarei, logo que o snr. Graciano sahir. (Vai-se.)

SCENA V

DAMIANA e GRACIANO

DAMIANA.

É o justo castigo da mulher perdida! ninguém acredita nos seus sorrisos nem nas suas lagrimas : ninguém se move, nem ao seu grito supremo de desespero e de morte!

GRACIANO.

Regenera-te.

DAMIANA.

Insensato!

GRACIANO.

Que idéa estúpida de morte foi essa?... pensas em morrer aos vinte e sette annos de idade?

DAMIANA.

E tu fallas em viver á tua victima?... fallas em viver a aquella que não pôde mais amar nem ser amada, e cujo nome enche de opprobrio e de desprezo, e faz a desgraça dos seus?...

GRACIANO.

Estás desarrazoando : raciocinemos friamente. Queres morrer, porque foste desditosa no amor que te inspirou Leonel da Silva...

DAMIANA.

Ah ! pudesse eu ver Leonel da Silva ligado para sempre á minha irmã e saudal-os esposos no momento da minha morte ! eu não morro pelo amor, mato-me pelo opprobrio.

GRACIANO.

Queres pois morrer porque a fama do teu nome reflecte nos teus parentes ; mas a tua morte não poderá lançar no esquecimento as tuas loucuras e a fama do teu nome ha de sempre obscurecer o futuro de tua irmã. (Damiana quer fallar ; mas, como convencida do que ouviu, demonstra grande afflicção, e vai chorando lançar-se no sofá.) Confesso [que concorri um pouco para a situação em que te achas ; mas posso hoje remediar em parte o mal que fiz ; anima-te : venho offerecer-te um recurso poderoso que te habilitará para fazer a felecidade de Christina, para dar descanso e tranquillidade aos ultimos annos de teu pae, para obrigar muitos dos que te humilhão á vir prostrarem-se á teus pés, para te vingarem emfim de Leoncio de Almeida e dos insolentes que...

DAMIANA.

Graciano !... (Beatriz se mostra observando da porta do fundo á direita.)

GRACIANO.

Pões em dúvida o poder e a força magica da riqueza?...

DAMIANA.

Infelizmente... não.

GRACIANO.

Tu estás perdida e perdes os teus parentes : a tua morte

não te regenera nem os-salva, e uma riqueza colossal pôde operar esses milagres... Isto é logico.

DAMIANA.

Viver! viver!... (Beatriz continua á observar.)

GRACIANO.

É incomprehensivel a tua frieza!... Começo a desconfiar que nem amas bastante a tua irmã, nem aborreces como dizes a Leoncio de Almeida...

DAMIANA.

Mas uma riqueza dessas... onde se acha?...

GRACIANO.

Naturalmente em algum sitio perigoso : devo dizer que este negocio não honra muito a aquelles que o-fazem; lembrou-me, porém, que no teu caso... Talvez não hesitasses em sacrificar mais um escrupulo pueril para fazer a fortuna de Christina; porque enfim... perdido por um, perdido por dous e meio. (Beatriz continua a observar até o fim.)

DAMIANA.

A honra? . . e posso eu zelar o que não tenho? Então... asseguras...

GRACIANO.

Que ha meios mysteriosos de se chegar de repente á opulencia...

DAMIANA.

E quaes são?... (Graciano vai fechar á porta que abre para a rua.)

GRACIANO.

Todos elles segredos terriveis, cuja revelação traiçoeira sempre se paga com a morte.

DAMIANA.

Embora... não é a morte que me assusta... mas...

GRACIANO.

O meu segredo é uma inexgotavel mina; vês, porém, este punhal?... (Mostra.) A sua lamina está envenenada e um simples arranhão feito por elle mataria, como se fôsse a dentada de uma serpente, o traidor que revelasse o mysterio de uma grande empreza.

DAMIANA.

É um crime... eu comprehendo... é talvez o roubo!..

GRACIANO.

Roubo?... como é isso? . . pois tu me suppões ladrão?...

DAMIANA.

Fallavas de um modo...

GRACIANO.

Que te fez tremer : pois bem; tratemos de outro assumpto.

DAMIANA.

Não : é certo que infallivelmente eu me acharei com recursos para enriquecer minha irmã?

GRACIANO.

No fim de poucos mezes.

DAMIANA.

Explica-te pois : aceitarei tudo. Já te jurei pela honra de meu pae inviolavel segredo.

GRACIANO.

Bem : ficarás sendo socia de uma companhia á que pertenco.

DAMIANA.

E que faz essa companhia?

GRACIANO.

A melhor cousa possivel : faz dinheiro e introduz na circulação bilhetes de todos os valores.

DAMIANA.

Moeda falsa!

GRACIANO.

Chãmão-lhe falsa, é verdade; mas é tão boa como a do thesouro; porque nem ha a menor differença no papel.

DAMIANA.

É um crime vergonhoso e abominavel!

GRACIANO.

Enganas-te : é uma industria que já tem posto de cazaca fina a alguns sujeitos que andávão com os cotovelos rotos.

DAMIANA.

Graciano! lembra-te do que eu te disse, ha nove annos : tu me has de ser fatal!

GRACIANO.

Com agilidade e prudencia tudo se consegue sem risco : o perigo só existe enquanto se arranja a fortuna ; realzada esta, é facto consummado : não se pedem contas ao passado, e trata-se com toda a consideração a Sua Excelencia o senhor millionario.

DAMIANA.

Mas é ignobil !

GRACIANO.

Não é. Chegou-nos, ha tres dias, de Portugal um thesouro immenso que é indispensavel fazer quanto antes circular : amanhã virei trazer-te uma linda caixinha, contendo nada menos que meio milhão de que te caberá uma grande parte.

DAMIANA.

Meio milhão... meu Deus !

GRACIANO.

N'estes casos chama-se antes pelo diabo.

DAMIANA.

Moeda falsa... um roubo...

GRACIANO.

E o prazer da felicidade de tua irmã?...

DAMIANA.

Christina !... E que importa uma infamia de mais?...
Graciano ! sou tua cumplice.

GRACIANO.

És minha consocia. Até amanhã sem falta. Adeus.

DAMIANA.

Adeus.

GRACIANO, á parte e indo-se.

Decididamente fiz uma aquisição prodigiosa. (Vai-se.)

SCENA VI

DAMIANA, e logo PEDRO NUNES.

DAMIANA.

A riqueza!... a riqueza para minha irmã!... Mas... este homem... este homem inspira sempre o mal... eu sinto que elle me atira ao crime... e parece-me ver a mão da justiça levantada sobre a minha cabeça... não... não ouzarei... é muito melhor acabar de uma vez... sim... antes morrer... mas... minhã irmã... tão pobre e tão compromettida pela minha degradação!... é necessario ter coragem... que arrisco eu, quando nada mais posso perder?... Eu já não tenho nem futuro, nem esperança, nem amor, nem ao menos, meu Deus, nem ao menos a benção e o perdão de meu pae....

PEDRO, agitadoissimo.

Minha filha!... (Correndo a ella.)

DAMIANA.

Ah!

PEDRO, apalpando-lhe a frente, os pulsos, etc.

Damiana! Damiana! olha-me... falla, Damiana... falla...

Ah! dize-me que não ousaste... que cheguei a tempo.

DAMIANA.

Não estarei sonhando?... não?...

PEDRO.

Minha filla... responde-me... tu... não tentaste contra a tua vida!... não tomaste veneno!... falla... tu... não vás morrer...

DAMIANA, com ardor.

Não!... não!...

PEDRO.

Graças a Deus!... minha filha! (Abrindo os braços.)

DAMIANA.

Meu pae!... (Abração-se.)

PEDRO.

Damiana!... minha filha!...

DAMIANA.

Será possível?... será possível?...

PEDRO.

A colera, a vergonha, o desespero inflammávão a mi-
nh'alma... eu estava ainda de joelhos... de joelhos desde

que tinha chegado a minha casa, e rezava diante de uma imagem sagrada... Era um sacrilegio; mas eu rezava pedindo ao céu a tua morte, pedindo um raio que te fulminasse de subito... ouvi bater a porta... levantei-me... vi entrar um mancebo, que fallando-me commovido e tremendo, pronunciou o teu nome, e logo depois as palavras sinistras... veneno... suicidio... morte...

DAMIANA.

Leonel da Silva!...

PEDRO.

Não quíz, não poudes ouvir mais... senti o castigo do céu punindo a minha oração sacrilega, e eu, eu que acabava de rezar, imprecando a tua morte, corri, chorando desabridamente... corri para te pedir de joelhos a tua vida, porque enfim... desgraçada... perdida... manchada pelo vicio... eu sinto no coração que tu és sempre minha filha, e quando o mundo te despreza e te condemna, eu, eu que sou teu pae, eu te amo sempre! apezar de tudo, sempre!

DAMIANA.

Então, meu pae ama-me ainda!... eu não sou mais uma filha amaldiçoada!...

PEDRO.

Não... não : o mundo póde ser implacavel com a mulher que se deixa perverter; mas no seio de um pae o perdão está sempre guardado para a filha arrependida. O arrependimento sincero que purifica todas as creaturas aos olhos de Deus, deve tambem purificar as filhas crimino-

sas aos olhos de seus paes. Damiana, o suicidio é um crime execravel: d'esta vez, porém, a sua idéa foi a expressão suprema do horror que te causa a tua vida passada... Projectando matar-te, quebraste os laços que te prendião ao vicio: estás morta para o mundo; mas resuscitaste para mim purificada pelo arrependimento, abençoada pelo meu amor!

DAMIANA, de joelhos, beijando a mão de Pedro.

Abençoada! abençoada! que me importa agora o mundo? (Levanta-se.) Meu pae nem comprehende o que era a sua maldição! A maldição de um pae é a praga tremenda que se levanta na terra, e é repetida por um écho medonho no céo; é um flagello incessante que noite e dia atormenta a filha infeliz; é como um espirito maléfico que se apodera da misera, impelle-a sempre para o infortunio, obscurece-lhe a razão para arrastal-a ao vicio e atiral-a no golfão das desgraças; é... meu pae! a maldição que caiu sobre a minha cabeça, me perseguiu nove annos, e me fez soffrer nove seculos!...

PEDRO.

Desgraçada! não sabias o que é o amor de um pae e como se faz sentir e se exprime diversa e infinitamente. O amor de um pae tem risos, lagrimas, doçuras, amargores, imprecações, violencias e perdão; mas é sempre o mesmo amor. A impertinencia de um pae é o seu amor que vigia; o resentimento de um pae é o seu amor que tem zelos; a colera de um pae é o seu amor que estremece; a maldição de um pae é o seu amor que desvaira; imper-

linencia, porém, resentimento, colera e maldição é tudo e sempre amor! Eu te amo, minha filha!...

DAMIANA.

Meu pae!... meu querido pae!...

PEDRO.

Tens soffrido, tens errado muito, eu sei; mas eu tambem tenho muito de que pedir perdão a Deus. Um homem perverso te havia seduzido: eras apenas uma pobre victima, e teu pae que podia ainda impedir a tua completa perdição, cego de raiva, publicou o teu erro, e te abandonou ao escarneo e á depravação do mundo! Tinhas caído e ias-te despenhando n'um precipicio; mas estendias ainda os braços para fóra, pedindo-me soccorro, e eu, eu agarrei-te pelos braços, e em vez de salvar-te, arrei-te no fundo do abysmo!...

DAMIANA.

Não: meu pae me tinha dado a educação da virtude, e eu menti a todas as suas esperanças.

PEDRO.

Basta. A sepultura que devia receber o cadaver da suicida, sirva para encerrar essas amargas lembranças. Renasceste para teu pae e tua irmã. Iremos nós tres viver juntos e escondidos em algum retiro solitario e tranquillo, onde ningum possa ir perturbar a nossa felicidade, recordando-nos as tuas faltas. Já temos chorado muito, minha filha; o céu se compadeceu de nós... Volta! sim! volta aos braços de teu pae!... (Damiana corre a abraçar Pedro e pára.)

LUSBELA.

85

CEZAR, dentro.

Requiescat in pace.

VOZES, dentro.

Amen.

DAMIANA, correndo a trancar a porta.

Oh!

PEDRO.

Que significa isto?

DAMIANA.

De certo alguns miseráveis que vêm zombar de mim.

CESAR, dentro e batendo á porta.

A porta inferi...

VOZES, o mesmo.

Amen.

PEDRO.

Desgraçada!...

CEZAR, dentro.

Abre, Lusbela; queremos entoar-te um *De profundis* em
regra.

DAMIANA.

Não entrareis!

AMADOR, dentro e continuando a bater.

Surrexit!... Alleluia!...

VOZES, o mesmo.

Alleluia!... alleluia!...

JULIO, dentro.

Se teimas em não abrir, participaremos ao inspector de quarteirão que deu-se um caso de suicidio e irá a porta à baixo.

PEDRO.

É de mais!..... (Sentando-se.) Ella tinha razão de querer matar-se!...

DAMIANA.

Meu pae!...

CEZAR, dentro.

Ouço vozes dentro; deixe-me observar: lá descubro um venerando cidadão de cabellos brancos.

AMADOR, dentro.

É algum velho usurario que se deixa depennar pela sublime Lusbela...

DAMIANA.

É soffrer muito!... muito!... (Tira-se em uma cadeira.)

CEZAR, dentro.

Abre, Lusbela; queremos conhecer o teu novo amante!

PEDRO, levantando-se e abrindo a porta.

Entrae, pois, e conhecei-o!...

SCENA VII

DAMIANA, PEDRO NUNES, CEZAR, AMADOR, JULIO LEONCIO
DE ALMEIDA, e CAVALHEIROS.

LEONCIO.

Pedro Nunes!...

PEDRO.

Sim! Pedro Nunes, elle mesmo; o pae d'essa mulher infeliz á quem chamaveis Lusbela e que d'ora avante volta a chamar-se Damiana; seu pae... entendestes?... sou seu pae, isto é, o protector que lhe deu a natureza, seu pae, o velho que saberá remoçar, se fôr preciso a força do seu braço para defendel-a; seu pae, o coração que soffre por ella; seu pae, que morrerá tentando despedaçar aquelles que ousarem maltratal-a!...

CEZAR.

Seu pae!...

AMADOR.

Basta uma tal declaração para provar-nos a sua coragem.

PEDRO.

Que vos admira?... É uma mulher perdida, eu o-sei; mas é minha filha. Não volteis os olhos com essa mentirosa expressão de piedade; porque devieis começar por ter

piedade de vós mesmos. Ha homens mais devassos do que essas mulheres, como foi Lusbela : não vos conheço, felizmente, não vos conheço; mas deveis ser d'esses, porque trazeis na face e no procedimento os signaes da crapula, do escandalo e da orgia!...

LEONCIO.

Excelente!... Lusbela descobriu um novo meio para attrair-nos à sua casa!...

PEDRO.

A mulher que se deprava é ainda mehos ignobil do que o homem que prostitue a sua alma ! não vos conheço, repito; mas o senhor (a um) condemna talvez a esposa fiel e dedicada a uma vida de afflicção e de lagrimas, deixa em abandono a educação dos filhos, e desbarata em bacchanes indecentes a riqueza que empolgou em um casamento sem amor... é um devasso! (\ outro.) O senhor falsificou talvez a firma de seu pae para arrancar de um usurario o dinheiro que perde ao jogo e que atira no sorvedouro dos vicios mais vergonhosos; e amanhã o usurario irá tirar o ultimo recurso ao autor de seus dias, e este e sua mãe morrerão de miseria e de fome.... é tambem um devasso! (\ Leoncio.) O senhor... (reconhece-o.) oh!... o senhor é talvez... é um... é... (não póde fallar e emfim diz com os dentes cerrados) é a infamia!...

CEZAR, suspendendo Leoncio, que avançava colerico.

Nada de violencias. Temos uma excellente desfôrta à tirar d'este velho que nos insultou a todos. Snr. Pedro Nu-

nes, recebemos, ha pouco, o annuncio do suicidio premeditado por Lusbela, e pondo termo à um ardente lasquenet, passámos pela sua casa para prevenil-o da catastrophe horrorosa; alguém da vesinhança nos disse que o snr. tinha saído, e veio-nos a idéa feliz de attrair a esta casa a formosa irmã da defunta Lusbela.

PEDRO.

Christina!

CEZAR.

Em um *post-scriptum* no bilhete annunciador do romanescio suicidio, escrevemos duas palavras, dizendo que o snr. Pedro Nunes aqui se achava abraçado com o cada-ver de sua filha e quasi louco de dôr. O bilhete foi entregue : é impossivel que a linda rapariga não venha acudir a seu pae e por tanto... (V Pedro.) Conte connosco!... dar-lhe-emos uma bella festa.

PEDRO.

Minha filha!.. Christina!... (Querendo sair.)

AMADOR.

Não ha de sahir!... (Cercão a porta.)

PEDRO, furioso e tentando de balde sahir.

Devassos!... devassos!...

SCENA VIII

DAMIANA, PEDRO NUNES, CEZAR, AMADOR, JULIO, LEÃO, LEONCIO DE ALMEIDA, CAVALHEIROS, CHRISTINA, e logo LEONEL DA SILVA.

CHRISTINA, apparecendo á porta.

Meu pae!... (Voltão-se todos.)

PEDRO, correndo a recebê-la e tirando-a do lado dos mancebos.

Minha filha!...

CHRISTINA.

Minha irmã!... (Abraçando Damiana.)

DAMIANA.

Christina!...

LEONCIO.

Viva a alegria!...

CEZAR.

Sim, viva! mas tambem pague a bella menina á cada um de nós com um abraço a agradavel surpresa que nos deve...

OS OUTROS.

Apoiado! apoiado!...

CEZAR.

Eia!... eu serei o primeiro! venha o meu abraço...

PEDRO, diante de Christina.

Ninguem ouse!...

OS MANCEBOS.

Um abraço! um abraço!...

PEDRO.

Ai, d'aquelle que se atrever a aproximar-se de minha filha!. . julgaes que podeis zombar impunemente da fraqueza de um velho; mas esqueceis que este velho é um pae e que...

OS MANCEBOS, querendo aproximar-se.

Um abraço!... um abraço!...

PEDRO, indo tomar uma cadeira.

Homens, sem pudor e sem honra!... (Cae-lhe a cadeira das mãos.) Minha filha.. ah!... (Desmaia.)

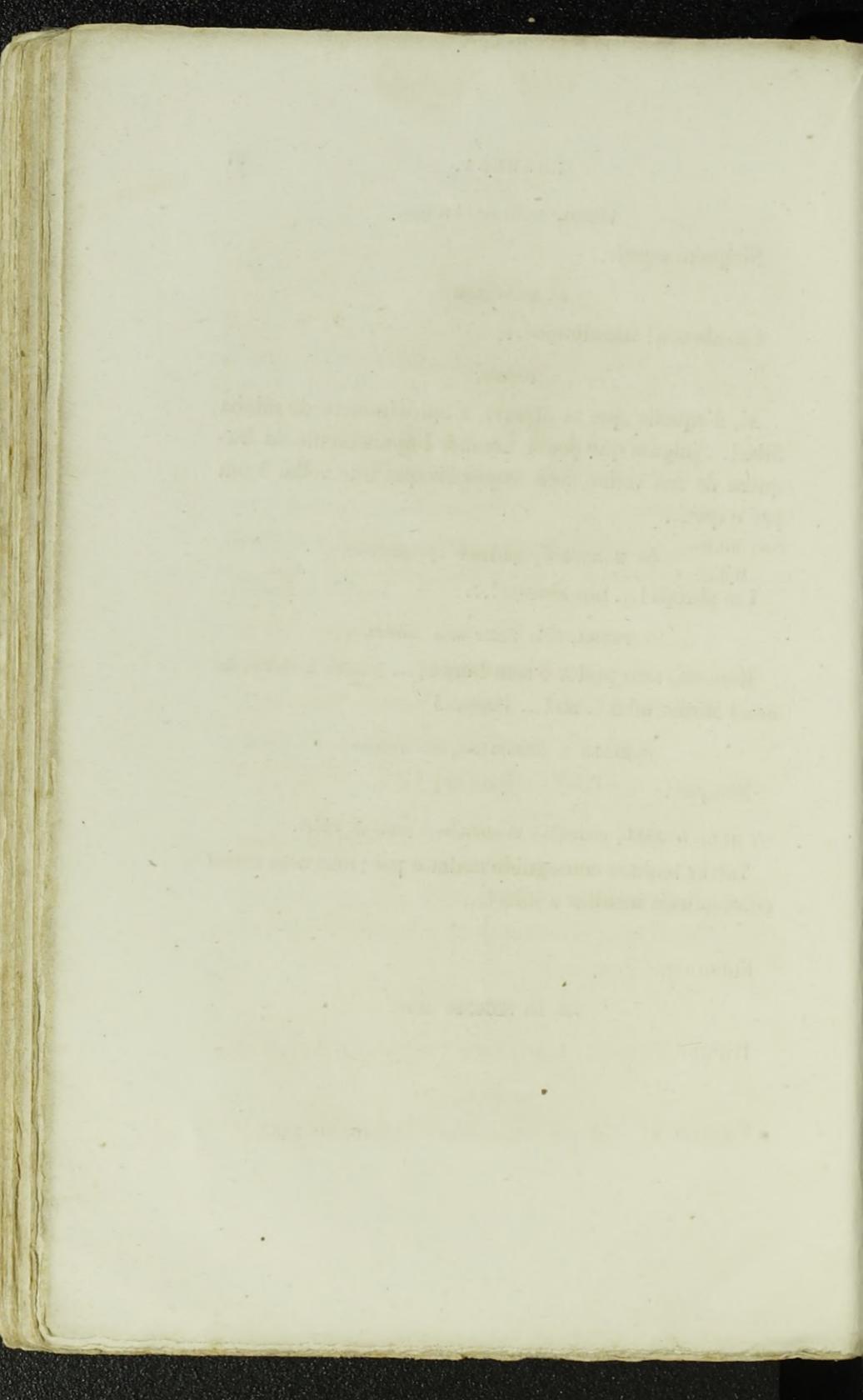
DAMIANA E CHRISTINA, soccorrendo-o.

Meu pae!

LEONEL, entrando e mostrando-se junto de Pedro.

Talvez tenhaes conseguido matar o pae; mas nem assim conseguireis insultar a filha!...

FIM DO SEGUNDO ACTO.



ACTO III

Sala interior na casa de Damiana. Portas lateraes e ao fundo.
Mobilia e ornatos de riqueza e bom gosto. É noite; luzes.

SCENA PRIMEIRA

O MEDICO, que logo se retira; DAMIANA e CHRISTINA, sahindo
todos da porta do fundo.

DAMIANA.

Então, snr. doutor? então?...

MEDICO.

Tranquillisem-se : tenho toda a esperanza de salvá-o.

DAMIANA.

Esperança?... ha por tanto ainda alguma dúvida?...

MEDICO.

A commoção que seu pae recebeu foi muito forte ; mas elle tem uma organisação de ferro, e ha de restabelecer-se. É provavel que lhe torne a febre e o delirio; conto, porém, que não soffrerá um terceiro accésso; soceguem pois : respondo pela vida de seu pae. Até logo ; voltarei dentro de uma hora.

DAMIANA.

Até logo. Não nos desampare. (Vai-se o medico.)

CHRISTINA.

Damiana ! Deus nos conserva o nosso querido pae !... é uma felicidade immensa !...

DAMIANA.

Merecemol-a somente pela tua virtude, Christina : o raio do favor do céu passou por mim e tocou-me, porque devia chegar a ti.

CHRISTINA.

Minha irmã !...

DAMIANA.

Tenho sido tão má, que só me é dado esperar na terra o perdão dos meus parentes, e do céu a misericordia de Deus; sinto, porém, um arrependimento profundo, e meu bom pae ha de viver para abençoar-me todos os dias na vida que me espera.

CHRISTINA.

Serás ainda feliz, Damiana.

DAMIANA.

Sim; mas só pela vossa felicidade : por mim... nada mais tenho... nada mais posso... nada mais mereço. Ha no mundo uma degradação, que para a mulher é quasi a morte. Repara bem, Christina; olha : sou moça ainda ; ambas nós somos bellas; tu, porém, és um anjo, e... eu sou... (Chorando.) Ah! eu já não sou cousa alguma.

CHRISTINA.

Minha irmã... choras com esse amargor, quando nosso pae começa a melhorar?...

DAMIANA.

Tens razão : devo occupar-me exclusivamente d'elle e de ti; são os unicos amores que eu posso cultivar na terra : os unicos ! e por meu pae eu farei tudo... e por ti, minha irmã... nem pensas...

SCENA II

DAMIANA, CHRISTINA e BEATRIZ, que logo se retira.

BEATRIZ.

D. Rosinha, está ahí o snr. Leonel da Silva...

DAMIANA.

Leonel... (Á parte, observando Christina.) Estremecemos ambas... ella de amor... e eu... (Á Beatriz.) Faça entrar o snr. Leonel para esta sala. (Vai-se Beatriz.) Christina, eu

sinto-me doente, e não posso fallar à pessoa alguma. Vou descansar um pouco perto do leito de meu pae : recebo o snr. Leonel e deculpa-me.

CHRISTINA.

Mas, Damiana... eu não devo... o snr. Leonel...

DAMIANA.

É um homem de bem : pôdes recebê-lo... pôdes, Christina!.. (Á parte e indo-se.) Quem o não pôde, sou eu... (Vai-se.)

SCENA III

CHRISTINA, e logo LEONEL DA SILVA.

CHRISTINA.

Se ella soubesse... mas porque me sinto perturbada... quasi que tenho mêdo... eu nunca lhe fallei á sós... não sei que lhe hei de dizer...

LEONEL.

Minha snra...

CHRISTINA.

Snr. Leonel...

LEONEL.

Um sincero cuidado explica a liberdade que tomei, vindo pedir noticias do estado do snr. Pedro Nunes.

CHRISTINA.

A noite e o dia passados fôrão de graves temores para nós; agora, porém, desde que anoiteceu, meu pae soce-gou, a febre e o delirio desapparecerão, e succedeu-lhes um somno tranquillo.

LEONEL.

Ainda bem!

CHRISTINA.

Soffremos tanto que minha irmã se acha incommodada, e pediu-me que a-desculpasse.

LEONEL.

Felicito-a pelas melhoras de seu pae, e pois que elle se acha livre de perigo, peço licença para occupar por momentos a sua attenção com um assumpto importante e que a ambos nos interessa.

CHRISTINA.

Snr. Leonel...

LEONEL.

Christina; encontrei-a um dia no caminho da minha vida, e vivamente impressionado da sua belleza, procurei conhecê-la; encantou-me a dedicação da linda menina que com o seu trabalho sustentava seu pae enfermo e velho! encantou-me a sua innocencia e pureza; amei-a com ardor e paixão e merecendo a gloria de ser correspondido, prometti-lhe solememente pedil-a em casamento, e dar-lhe a minha mão e o meu nome: ancioso contava os dias

a espera d'aquelle em que devia cumprir o voto suave do meu coração; desde hontem porém...

CHRISTINA.

Desde hontem...

LEONEL.

Christina; hontem eu a-encontrei n'esta mesma casa no meio de uma companhia repulsiva, e tive de vel-a, pobre innocente, caída e humilhada pela culpa de outra! Hontem repetirão á meus ouvidos uma verdade cruel e eu reconheci que amava e amo ainda a irmã de Rosa Lus-bela. (Aparece Damiana ao fundo.)

CHRISTINA, com um gemido e confundida.

Ah!

LEONEL.

Sua irmã é a mais desgraçada das mulheres; perdão; mas é indispensavel que eu lhe diga, o que em sua candura talvez não comprehendesse ainda. Sua irmã victima de um seductor, e abandonada na sua queda, perdeu-se, Christina, perdeu-se entregando-se á uma vida de inauditas loucuras, e hoje e desde muito Lusbela é a alcunha terrivel que faz lembrar...

CHRISTINA.

Eu já sei tudo... sr. Leonel... poupe-me...

LEONEL.

No fundo do coração de Damiana ha sentimentos que admirão; mas o seu descredito e o desprezo profundo

com que a sociedade a-castiga são tão manifestos e tão fataes, que chegão a reflectir em sua familia.

CHRISTINA.

Basta : eu adivinho o que pretende dizer-me : submetto-me ao meu destino ; mas... por quem é... não humilhe a mulher que amou alguns dias.

LEONEL.

Não adivinha, não, Christina, não conhece bem o homem que amou-a e cada vez mais ardentemente a-ama : ouça-o pois ainda.

CHRISTINA.

Não... Leonel. . tenha piedade de mim !

LEONEL.

Ouça : o nosso amor já deixou de ser um mysterio : muitos o-conhecem. Sabemos ambos que nem ao menos as nossas mãos se tocarão ainda ; mas o mundo é aleivoso e mordaz, e se os nossos destinos não se ligarem, a sua reputação poderia ser mordida pela calunnia.

CHRISTINA.

E a irmã de Lusbela como poderia fazer a felicidade do homem, que lhe accendeu n'alma o primeiro e derradeiro amor?...

LEONEL.

O dever me impoz a triste necessidade de esclarecel-a sobre as circumstancias em que nos achamos. Amo-a cada vez mais, Christina, e não hesito em realizar o nosso ca-

samento. Entraremos em lucta com a sociedade, que não perdoa a vida escandalosa de sua irmã: soffreremos os ataques da murmuração, da inveja e da maldade: nos theatros e nas assembleas, ouviremos, quando passarmos, pronunciarem sorrindo-se o nome de Lusbela: eu sou homem; adoro-a, Christina, resistirei pois corajoso a todos esses tormentos, e serei plenamente feliz com o seu amor; minha esposa, porém, amar-me ha bastante para não ser infeliz?...

CHRISTINA.

Não: já o-disse: Lusbela nos separa: o meu amor não foi um fingimento vil e interesseiro: amo-o de todo o coração, Leonel, e porque o-amo, não tolero a idéa de tornal-o desditoso. Um dia arrepender-se-ia de ter casado comigo.

LEONEL.

Nunca!

CHRISTINA.

Não quero que a sociedade o-lamente por haver desposado a irmã de Lusbela. Separemos-nos: é inevitavel! é a minha doce e unica esperança que morre!... separemos-nos e para sempre!... guarde, porém, a lembrança de Christina, Leonel, e alguma vez se recorde do seu amor tão puro e tão desinteressado, que não aceitou o sacrificio do seu futuro para poupar-lhe arrependimento e tristeza; lembre-se de Christina, que preferiu uma vida de amargura e de lagrimas á satisfação dos seus mais ardentes anhelos com a humiliação de Leonel.

LEONEL.

Christina!...

CHRISTINA.

Está tudo acabado entre nós. Se realmente ainda pôde amar-me, fuja! não torne mais á ver-me... e adeus!...

LEONEL.

Sê minha esposa, e desprezemos o mundo!

CHRISTINA.

Não : adeus!...

LEONEL.

Pois bem : eu partirei, mas com a esperança de que mais tarde seremos ainda felizes : jure-me que me conservará o seu amor, que não será esposa de outro homem; como eu lhe juro que não amarei, que não desposarei outra mulher!...

CHRISTINA.

Sim... isso eu posso jurar... eu o-juro!...

LEONEL.

Christina!...

CHRISTINA, estendendo-lhe a mão.

Adeus, Leonel!...

LEONEL, beijando-lhe a mão.

Eu voltarei!... serás minha!...

CHRISTINA.

Adeus!... (Damiana ajoelha-se do lado da porta da saida.)

LEONEL.

Adeus!... (Voltando-se para partir.)

SCENA IV

CHRISTINA, LEONEL DA SILVA, e DAMIANA.

DAMIANA, chorando e com os braços levantados.

Não partirá, snr. Leonel!...

LEONEL.

Damiana!...

CHRISTINA, indo levantal-a.

Minha... irmã.

DAMIANA, beijando-lhe a mão.

Obrigada... Christina; mas o snr. Leonel da Silva não partirá. A Lusbela de outr'ora já não existe: o espectro que espantava este santo amor, vai desaparecer, snr. Leonel; se a triste memoria do meu passado póde ser menos sinistra, desde que eu fugir para sempre do theatro das minhas desordens, e dos olhos de todos os homens, espere alguns dias, e será feliz casando com a sua amada.

LEONEL.

Christina!...

CHRISTINA.

Não: é impossivel!...

DAMIANA.

Impossivel?! meu Deus! pois o mundo é tão implacavel que não reconhece a virtude de uma donzella caudida e pura, quando esta é irmã de uma mulher que se deixou perverter?... que vale então a virtude se a fulmição de envolta com o vicio?... Leonel, eu vou fugir para uma solidão ignorada de todos... far-se-ha correr a noticia da minha morte... ninguem tornará a ver Lusbela. (Chorando.) Morta para o mundo, eu viverei, se quizeres, ainda alguns annos para meu pae: Leonel, casar-te-has com Christina... e um dia em cada anno... uma hora só de dous em dous annos... um unico momento em todo o resto da minha vida, irás por compaixão ao meu abrigo solitario, para que eu te beije a mão, Leonel!... para que eu te beije os pés, Christina!...

CHRISTINA.

Minha irmã!...

DAMIANA.

Não partirás, Leonel!...

LEONEL.

Sim... eu ficarei, eu serei o feliz esposo de Christina!...

CHRISTINA.

Não! não!... a sociedade não perdôa... o mundo nos separa...

DAMIANA.

Christina! és tu que insistes em regeitar a dita que o

cêo te offerece e que faria a minha consolação?... ouve pois : meu pae está ali prostrado em um leito... a sua vida corre perigo ainda, e eu invoco a Deus, e peço-lhe que me escute : casar-te-has com o snr. Leonel da Silva... e se não cedes aos meus rogos, morra meu pae esta noite, se esta noite eu não pôzer um termo aos meus dias!

CHRISTINA.

Damiana!...

SCENA V

CHRISTINA, LEONEL DA SILVA, DAMIANA e GRACIANO trazendo uma caixinha.

• GRACIANO.

Vou entrando sem cerimonia.

DAMIANA.

Snr. Graciano...

GRACIANO, comprimentando.

Boa noite, minhas snras! snr. Leonel da Silva! soube que o nosso bom velho ia muito melhor, e julguei por isso que não seria impertinencia trazer á nossa bella Damiana a caixa de joias, que desde hontem ella espera com tanto ardor...

DAMIANA.

A caixa de joias!...

LEONEL.

Sou obrigado á retirar-me : já importunei demasiadamente ás snras...

DAMIANA.

Não... não... ou pelo menos prometta-nos que voltará em breve. Christina, pede ao snr. Leonel que venha... bem cedo...

CHRISTINA.

Até amanhã, snr. Leonel...

LEONEL.

Sim, minha snra; (á Christina) voltarei amanhã, Christina... (Vai-se.)

CHRISTINA.

Com licença. . devo ir para junto de meu pae. (Vai-se.)

SCENA VI

DAMIANA e GRACIANO.

GRACIANO.

Adivinharão que precisavamos ficar sós. Recebeste o meu bilhete?...

DAMIANA.

Recebi... mas...

GRACIANO.

Mas não podes aproveitar-te do convite; porque o estado em que se acha teu pae o não permite: paciencia: não te faltarão occasiões de prestar-nos bons serviços: o baile já deve ter começado, e eu não posso demorar-me. Aqui tens o cofre que contem os bilhetes do nosso thesouro, e eis a chave que o-abre: (Apresenta.) Fiz prendel-a em um trancelim de ouro para que a podesse trazer ao pescoço e nunca te separasses d'ella.

DAMIANA.

Pensei melhor, Graciano; eu não quero comprometter-me n'essa empreza criminosa.

GRACIANO.

Como?... que idéa é essa?... creio que estás gracejando.

DAMIANA.

Arrependi-me ainda á tempo; tornarás a levar o teu cofre.

GRACIANO.

Não sabes o que estás dizendo: desde hontem pertences á nossa companhia.

DAMIANA.

Quando assim fôsse, desde hoje deixaria de pertencer-lhe.

GRACIANO.

Enganas-te: a nossa companhia é um céu aberto que se parece muito com o inferno de Dante. Quem lá entrou

uma vez, não pôde mais sahir : *Lasciate ogni speranza, o voi che entrate!* Creio que sabes italiano.

DAMIANA.

Sei ainda melhor que sou snra. da minha vontade, e que ninguem tem o direito de obrigar-me a commetter um crime...

GRACIANO.

Damiana, o assumpto é muito melindroso : conheces o nosso segredo e poderias perder-nos com uma palavra...

DAMIANA.

Jurei pela honra de meu pae não revelar esse segredo.

GRACIANO.

É que eu não posso tranquillisar os meus companheiros com promessas vãs : é preciso que te compromettas ao menos um dia : farás depois o que te parecer.

DAMIANA.

Já decidi : não quero.

GRACIANO, á parte.

É sem d'úvida a molestia do pae que lhe tem voltado a cabeça... mas eu hei de chanal-a a razão, e compromettel-a.

DAMIANA.

Comprehendes, que eu deseje estar ao lado de meu pae...

GRACIANO.

É só a tua insistencia que me tem demorado aqui. Acabe-

mos com isto : eu não quero expor-te desde hoje ao resentimento da companhia : conversaremos mais longamente amanhã : no emtanto guarda-me este cofre que não posso levar comigo.

DAMIANA.

Esse cofre encerra a prova de um crime que não commetti. Não o-guardarei.

GRACIANO.

Damiana! tu me provocas!... mas... que gemido foi este?...

DAMIANA.

Um gemido... meu pae!... (Corre para o quarto.)

GRACIANO.

Aqui lhe deixo o cofre e a chave. Conheço Damiana; dentro em poucos dias será completamente nossa. (Vai-se, deixando sobre na mesa a caixinha e a chave.)

SCENA VII

DAMIANA e logo BEATRIZ.

DAMIANA.

Não foi meu pae que gemeu : mas... Graciano retirou-se, deixando-me a caixa de bilhetes falsos : intenta assim obrigar-me a tomar parte no seu crime. Este cofre não deve ficar em minha casa... posso destruil-o... vou lançal-o ao fogo... porém, não : eu confundirei Graciano. Meu

pae dorme socegradamente : em uma hora, posso apresentar-me no baile, entregar diante de todos o cofre de... joias a esse homem fatal, e voltar sem receio e pela primeira vez contente de mim. (Põe a chave ao pescoço.) Eu o farei...

BEATRIZ.

D. Rosinha, que destino daremos a este retrato que desde hontem anhela rolando pela sala?... (Mostra o retrato de Leoncio.)

DAMIANA.

Que tenho eu com esse retrato?... mande deital-o fóra. (Vai-se.)

SCENA VIII

BEATRIZ e logo CHRISTINA.

BEATRIZ.

Um retrato tão bonito! caprichos de Lusbela : despreza hoje aquillo, porque se apaixonará amanhã. Foi sempre assim. Não me animo a deitar fóra este retrato : vou deixal-o sobre a meza. (Colloca-o sobre a mesa.) Que caixinha tão linda!... (Ob-servando.) Ah! querem ver?... é a caixinha que o snr. Graciano ficou de trazer... e que deve estar cheia de bilhetes falsos... não é talvez... é com certeza. A chave é sem dúvida aquella que D. Rosinha prendia ao pescoço, quando eu entrei. Que excellentes novidades! o snr. Leoncio de Almeida pagar-me-ha as noticias d'esta

noite pelo dobro do que me deu em premio das que lhe fui levar hoje de manhã. Vou de um salto á casa d'elle.

CHRISTINA, assustada.

Onde está minha irmã?...

BEATRIZ.

Provavelmente no seu quarto.

CHRISTINA.

Vá chamal-a depressa...

BEATRIZ.

Ha alguma cousa de novo?...

CHRISTINA.

Meu pae começa a mostrar-se agitado... a febre reapareceu outra vez...

BEATRIZ.

Póde ser que esteja exagerando algum pequeno incommodo .. não se assuste...

CHRISTINA.

Vá chamar minha irmã...

BEATRIZ.

Espere... deixe-me ver... Talvez nada seja e eu possa socegal-a. (Entra no quarto.)

CHRISTINA.

Meu bom pae!... que será de mim, se elle me falta?... Oh! podesse eu ter-me enganado!... o medico disse que respondia pela sua vida; mas os medicos se engãão... e

esta afflicção que eu sinto... (Vendo Beatriz que volta.) Então?...
então?...

BEATRIZ.

Tornou a febre com effeito... creio que começa o deli-
rio...

CHRISTINA, afflictissima.

Meu pae!...

BEATRIZ.

Não se afflija... eu vou chamar sua irmã...

CHRISTINA.

Não... não... corra antes a procurar o medico...

BEATRIZ.

Tem razão; eu vou. (Vai-se.)

CHRISTINA.

Meu pae!... (Vai á porta do quarto.) Elle falla .. agita-se...
é o delirio!... meu Deus!... tende piedade de uma triste
filha!... não me priveis do meu bom e carinhoso pae!...
salvai-o, meu Deus!... oh! meu pae!... (Corre para o quarto.)

SCENA IX

DAMIANA, vestida para ir ao baile, trazendo flores de brilhantes no
cabello, adereço, pulseiras, etc., e logo CHRISTINA.

DAMIANA.

Eis-me prompta. (Tira o trancelim que prende a chave e ata-o em
uma das argolas da caixa de bilhêtes.) Quero, porém, ver meu pae

antes de sahir. (Toma a caixa e vai entrar no quarto e vê Christina que sabe.) Christina!... que é isto?... que ha?...

CHRISTINA.

É a febre... o delirio... nosso pae está mal!...

DAMIANA.

Oh!...

CHRISTINA.

Desde hontem eu tenho o presentimento de uma grande desgraça! ..

DAMIANA, querendo ir ao quarto.

Meu pae!...

CHRISTINA, suspendendo-a.

Oremos á Deus para que nosso pae nos seja conservado!... rezemos, Damiana!...

DAMIANA.

Rezemos, sim!... e Deus piedoso nos escute!... (Ajoé-
lhão-se.)

SCENA X

DAMIANA, CHRISTINA, e PEDRO NUNES, que entra delirante.

PEDRO.

Eu te obedeco, minha mãe! depressa! depressa!...
quero salvar minha filha!...

CHRISTINA, correndo á Pedro.

Meu pae, que fez?... porque se levantou?...

PEDRO.

Não és tu... não... é a outra... é a outra que está manchada pelo vicio e escravizada pelo demonio... eu quero salva-la... deixa-me...

DAMIANA.

Que tormento!...

PEDRO.

Não viste minha mãe?... Ella esteve junto de mim... fallou-me... levantou-se da sepultura em que dorme o somno da morte, e veio apparecer-me... eu a-vi... beijei a sua mão que era fria como o gèlo... escutei a sua voz, que parecia um longo gemido...

CHRISTINA.

Meu pae!...

PEDRO.

Minha mãe está ali... não vês?... a sua sombra me acompanha... olha! eil-a aqui!... seus olhos se embebem no meu rosto... suas mãos brancas e trémulas se estendem para mim!... seus labios pallidos se entreabrem... a sua voz está soando.. não ouves?... ella está dizendo que o demonio atormenta Damiana... que a-opprime prendendo-se em cadeias de ferro... que depois de machal-a com a ignominia do vicio, quer arrastal-a para o crime... vê... repara... minha mãe treme convulsa... seus cabellos se eriçãõ; os seus braços se agitação... a sua voz é

agora um grito?... ella me está bradando que eu salve Damiana... eu corro... quero salvar-a... minha filha... onde está minha filha?... (Vendo Damiana.) Eufim!... é ella!... é ella mesma!... Damiana!...

DAMIANA.

Meu pae!...

PEDRO.

Sim... teu pae... teu pae... que vem salvar-te... não falles... minha mãe está ali... espera que eu te salve para recolher-se à sepultura... é preciso respeitar o descanso dos mortos... minha mãe quer dormir... deixa que eu te salve... depressa... depressa...

CHRISTINA.

Voltemos para o seu quarto, meu pae!

PEDRO, mostrando Damiana.

Eis ahí os tormentos do inferno!... estás vendo nos seus cabellos essas flores de brilhantes... no seu pescoço um fio de perolas... nos seus braços pulseiras?... Oh! (Arrancando e atirando fóra.) Não são flores nem brilhantes, é uma corôa de espinhos tecida pela seducção para despedaçar a cabeça de minha filha... Não são pulseiras, são as algemas do vicio, que lhe arrojão os pulsos... não é fio de perolas, é o baração do opprobrio que a-está affogando... longe!... longe, torturas execráveis!...

DAMIANA.

Por compaixão!...

PEDRO, tomando a caixa que Damiana ainda tem nas mãos.

Estás vendo este cofre?...

DAMIANA.

Não... piedade, meu pae! dê-me essa caixa...

PEDRO.

Depressa... depressa... minha mãe quer dormir... é preciso que eu te salve depressa!...

DAMIANA.

É uma caixa de joias...

PEDRO.

Não... é o cofre que contem o veneno do inferno! es-cuta... minha mãe o-está dizendo... é um veneno terrível que te faria morrer em convulsões medonhas... é ve-neno!...

CHRISTINA.

Meu pae!...

PEDRO, agitado e girando pela scena.

Depressa! depressa... eu quero salvar minha filha!...

DAMIANA, seguindo á Pedro.

Não... essa caixa!... nunca!...

PEDRO.

Ninguém lhe toque!... Ninguém lhe toque!...

DAMIANA.

Eu a-quero... arranca-a-hei das suas mãos...

PEDRO.

Não!... não!... (Entra no quarto. Damiana e Christina o-seguem.)

SCENA XI

PEDRO NUNES sahe do quarto; repelle as filhas, tranca a porta e vai trancar as outras portas.

PEDRO.

Não! é o veneno do inferno!... minhas mãos estão abrazadas... é este cofre que me está queimando: embora... eu quero salvar minha filha... depressa... depressa...

DAMIANA e CHRISTINA, dentro batendo na porta.

Meu pae!... meu pae!...

PEDRO, põe a caixa sobre a mesa, abre-a, pega em uma luz e observa.

Eil-o!... é o veneno do inferno!... (Volta a cabeça e parece fallar á sombra da mãe, acompanhando com os olhos a sombra, que elle suppõe retirar-se: a mão que segura o castiçal deixa este ir-se inclinando de modo que a luz vai quasi tocando a caixa.) Podeis dormir, minha mãe... eu vou salvar Damiana. .

DAMIANA e CHRISTINA, batendo na porta.

Meu pae!... meu pae!...

FIM DO TERCEIRO ACTO.

ACTO IV

A mesma sala do acto anterior; a caixa dos bilhetes está sobre a mesa; mas não conserva a chave; o retrato de Leoncio de Almeida não está mais sobre a mesa.

SCENA PRIMEIRA

DAMIANA, e o MEDICO, sahem do quarto do fundo.

MEDICO.

Que lhe dizia eu, minha snra.?... ainda receia alguma cousa?...

DAMIANA.

Não voltará mais a febre?...

MEDICO.

Não; pôde ter a certeza disso : no emtanto sería conve-

niente, como já aconselhei, que seu pae fôsse passar alguns mezes no campo.

DAMIANA.

Nós o-levaremos para fóra da cidade, logo que elle tenha forças.

MEDICO.

Amanhã mesmo poderia fazel-o, se quizesse : considero o nosso doente já em convalescença : os meus serviços não são mais necessarios ; voltarei, porém, á vel-o ainda uma vez.

DAMIANA.

Venha, snr. doutor ; nós o esperamos. (Vai-se o Medico.)

SCENA II

DAMIANA, e logo BEATRIZ que se retira, e LEONCIO DE ALMEIDA.

DAMIANA.

São dez horas : devo sahir : é preciso quanto antes livrar-me d'essa caixa que é um peso que trago sobre o coração. Foi-me impossivel encontrar a chave... meu pae deitou-a fóra no ardor do seu delirio ; elle, porém, não abriu a caixa, que achei fechada como estava, quando conseguimos fazel-o abrir a porta. Que importa uma chave?... Graciano terá outra, ou fará o que melhor lhe parecer.

BEATRIZ.

O snr. Leoncio de Almeida deseja fallar-lhe immediatamente.

DAMIANA.

Leoncio de Almeida!... á mim?... diga-lhe que não o quero receber.

LEONCIO.

A' despeito da sua má vontade hei de fallar-lhe. (Vai-se Beatriz.)

DAMIANA.

Quem lhe permittiu a ousadia de penetrar no interior da minha casa?...

LEONCIO.

Preciso dizer-lhe duas palavras graves e solemnes, duas palavras que podem decidir do seu destino e da sua vida : poucos momentos me bástão para isso.

DAMIANA.

A influencia que o snr. devia exercer sobre o meu destino, eu já a-experimentei de sobra : tenha a bondade de retirar-se da minha casa.

LEONCIO.

Trata-se de sua irmã.

DAMIANA.

De minha irmã!...

LEONCIO.

Damiana, tenho no meu passado erros e faltas de que

me accuso; em consciencia, porém, eu sinto que não sou mão: se todavia me ultrajarem, se alguém tentar comprometter o nome de minha familia, protesto que saltarei por todas as considerações, e que até ostentarei diante do mundo a enormidade da minha vingança.

DAMIANA.

Ah! então vem ameaçar-me? é a lucta que pretende offercer-me?... tanto melhor!

LEONCIO.

Leoncio de Almeida não lucta com Lusbela: se for necessario, ha de sómente esmagal-a.

DAMIANA.

Tanto melhor!

LEONCIO.

Não percamos tempo. Leonel da Silva esquecendo os bríos e a distincção de sua familia, amou sua irmã, e em vez de limitar-se a amal-a, como um mancebo da sua posição e riqueza pôde por um momentaneo capricho amar uma menina de humilde condição, foi bastante louco para prometter-lhe casamento.

DAMIANA.

E enfim... pois que é preciso ouvi-lo... enfim...

LEONCIO.

Ante hontem descobrimos um segredo feliz: soube-se que essa menina era sua irmã, irmã de Rosa Lusbela; mas á pezar disso meu estouvado primo julga que está

prezo pela sua palavra, e participou-nos hoje que terá em breve de desposal-a.

DAMIANA.

É que nem todos os parentes se assemelham pelo caracter, é que a honra de uns protesta contra a perversidade de outros.

LEONCIO.

A irmã de Lusbela tomando lugar no seio da minha familia, seria para nós uma vergonha insuportavel: é necessario impedir essa loucura, esse escandalo: não quero mal a sua irmã, Damiana...

DAMIANA.

Agradecida... snr....

LEONCIO.

Longe, muito longe d'aqui ella poderá ser feliz: é pobre: nós lhe daremos fortuna; mas fuja para sempre dos olhos de Leonel. Venho pedir-lhe que me auxilie n'este empenho.

DAMIANA.

A mim?!!!

LEONCIO.

Sei que me detesta; é, porém, indispensavel que se preste á servir-me n'este ponto: e se não basta o pedido que fiz, eu ordeno!

DAMIANA.

Ordenar-me!...

LEONCIO.

Estou no caso de poder fazel-o. Pense bem! consulte a sua consciencia... lembre-se de que é possível que eu tenha penetrado algum segredo, e que possa de um momento para outro marcar a hora da sua maior desgraça. Não me explico mais : sei que me comprehende : resolva pois : sim ou não?...

DAMIANA.

Acabou?...

LEONCIO.

Espero a sua resposta : sim ou não?...

DAMIANA, apontando para a porta.

Sábia!...

LEONCIO.

Provoca pois a minha vingança?...

DAMIANA, o mesmo.

Sábia!...

LEONCIO.

Pois bem : cumprirei um dever tremendo. (Vai-se.)

SCENA III

DAMIANA, e logo CHRISTINA, e PEDRO NUNES.

DAMIANA.

Conspirar contra a felicidade de minha irmã!... todavia... elle ameaçou-me... diz que penetrou um segredo que me póde perder... quererá intimidar-me?... mas... quem sabe, se desde antehontem não está escrito o meu nome na lista dos criminosos?... esta caixa não deve ficar aqui nem mais um momento... (Dirigindo-se á mesa.)

PEDRO, apoiando-se no braço de Christina.

Damiana!

DAMIANA.

Meu pae! para que se expõe?... (Á parte.) Ainda um estorvo...

PEDRO.

Estou bom... perfeitamente bom... sinto-me forte.

DAMIANA.

Mas soffreu tanto esta noite...

PEDRO.

Já passou. Eu não posso perder tempo... estou velho... a morte virá apanhar-me cedo, e agora que espero ser feliz, preciso aproveitar os meus ultimos dias, gozando a

companhia de minhas filhas, e abençoando-as á todos os instantes...

DAMIANA, á parte.

É não me é possível sahir... parece uma fatalidade!...

PEDRO, tomando as mãos das filhas.

Dae-me as vossas mãos... não nos separaremos mais... minhas filhas! (Abraça Damiana pela cintura.) Damiana!... (A Christina.) Não tenhas ciumes, Christina! eu te amo, sim... mas tua irmã me foi roubada, ha nove annos, e apenas, ha dous dias, restituída. (Abraçando Damiana e fallando a Christina.) Nove annos! como eu vivi esses nove annos! dize-lh'o, Christina, conta-lhe como eu chorava dias inteiros; conta-lhe como eu despertava nas minhas longas noites agitado, bradando pelo seu nome, e estendendo os braços para apertar no meu peito a filha querida que me apparecia em sonhos; conta-lhe .. porèm, não, Damiana; ella de balde quercia contar-te; porque tudo quanto eu senti n'esses nove annos, póde sentil-o um pae extremoso; mas dizel-o... não; ella não... nem eu... nem eu mesmo... senão abraçando-te com amor... e inundando a tua fronte de beijos e de lagrimas! (Abraça-a, etc.)

DAMIANA.

Meu pae!...

PEDRO.

Quero a desfórra d'esses nove annos de afflicção! quero viver... peço para viver, meu Deus!... Vou ser avarento dos meus thesouros : amanhã partiremos; vou esconder-

vos comigo em um retiro longinquo... deserto, mas onde a vida se prolonga, e póde-se amar com extremo, sem luctas, quasi com egoismo, como eu vos quero amar, minhas filhas!... Partiremos amanhã...

DAMIANA.

Amanhã?... será necessario esperar alguns dias ao menos...

PEDRO.

Alguns dias!... acaso péza-te a idéa d'esta partida?... Ah!... não apagues a minha esperança; agora seria muito cruel!

CHRISTINA.

Não se afflija: Damiana vai e deseja muito acompanhar-nos...

PEDRO.

Que motivo pois...

DAMIANA.

Um motivo que ha de causar-lhe muito prazer...

CHRISTINA.

Damiana!

PEDRO.

Então que ha?... falla... falla...

DAMIANA.

Creio que hoje Christina lhe será pedida em casamento.

PEDRO.

Christina! (Pensa.) E quem é que quer casar com... (curvando a cabeça) com uma pobre costureira?...

DAMIANA, á parte.

Não era isso que elle pretendia dizer... (A Pedro.) Um mancebo distincto e rico, o snr. Leonel da Silva que é ainda mais estimado pelas suas virtudes.

PEDRO.

E não tem elle familia... parentes...

DAMIANA.

Muitos; alguns em verdade quizêrão oppor-se ao seu projecto de casamento; elle, porém, resistiu nobremente e...

PEDRO.

Christina, autorizaste este mancebo a vir pedir-me a tua mão?

CHRISTINA.

Eu o-havia autorizado... mas depois... hontem...

PEDRO.

Acaba...

CHRISTINA.

Elle apresentou-se aqui... fallou-me... eu... julguei dever convidal-o á não pensar mais em casar comigo; insistiu, porém, tanto... que finalmente...

PEDRO afasta-se; medita, e falla comsigo.

A razão a illuminava; mas por fim o amor suffocou a razão. Como seria eu feliz vendo-a casada com um homem de bem! e no entanto é impossivel! De que modo, porém, lhe direi eu sem rasgar o coração da pobre Damiana, que o passado ou ainda mais a existencia de sua irmã é uma barreira que se levanta diante do seu futuro!...

CHRISTINA, a Damiana.

Em que pensará meu pae?

DAMIANA, a Christina.

Eu sei bem em que elle pensa!...

PEDRO, o mesmo.

Não : este casamento lhe daria em breve um immenso desencanto... Ella seria humilhada, repellida pela familia de seu marido, e este, arrefecido o fogo da paixão, triste... acabronhado... não... não... Christina não se pôde casar, e eu direi... Paciencia!... ella que me supponha egoista e máo... que se queixe de mim... embora... Mas não soffra ainda um novo martyrio a mísera... a minha filha desgraçada. (Levanta a cabeça.)

CHRISTINA.

Meu pae...

PEDRO.

Vem... Damiana, vem; tu sómente me restas agora : a outra... tua irmã... essa quer deixar-me velho, enfer-

mo, tocando já com os pés na sepultura... Não deseje cerrar os olhos de seu pobre pae...

CHRISTINA.

Oh! eu não me separarei jámais do seu lado...

DAMIANA, á parte.

Eu o-compreendo : Lusbela não pôde morrer, emquanto fôr viva Damiana!...

PEDRO.

Era egoismo : confesso ; mas eu calculava com esta consolação na minha velhice... contava estender um pouco mais esta vida cansada pelo encanto da companhia e da ternura de minhas duas filhas... Christina! tem compaixão do egoismo de teu pae... não te cases... sê minha sómente!...

CHRISTINA.

Sim, meu pae; sempre sua!

PEDRO abraça-a.

Obrigado, minha filha! (Afasta-se e á parte.) Mente, amor de pae! mente! o céu te perdôa esta mentira!

DAMIANA, á parte.

E por tanto a minha existencia será sempre o flagelo de minha irmã!

CHRISTINA, a Pedro.

Meu pae! (Baixo.) Eu o-entendi bem! Saberei resignar-me ao nosso destino.

PEDRO, a Christina.

Silencio! (Alto.) Damiana, vê como é boa e dedicada a nossa Christina; mas que tens?... em que pensas?

DAMIANA.

Pensava no passado!

PEDRO.

Louca! é só do futuro que nos devemos occupar : o futuro é para nós a felicidade...

DAMIANA.

O futuro?... quem pôde prever o que nos espera na hora que vai chegar?...

SCENA IV

DAMIANA, CHRISTINA, PEDRO NUNES e GRACIANO.

GRACIANO, em grande agitação.

Já não contavas comigo : eis-me aqui!...

PEDRO.

Que pretende o senhor?

GRACIANO.

Venho lançar em rosto a esta mulher a sua traição; venho pedir-lhe contas do seu juramento; venho dizer-lhe que ella me perdeu; mas que ha de tambem ficar perdida, porque eu saberei punil-a!

CHRISTINA.

Minha irmã!...

DAMIANA.

O senhor... endoudeceu sem dúvida...

GRACIANO.

Eu trago comigo a prova da sua deslealdade e do seu crime...

PEDRO.

O senhor insulta minha filha!

GRACIANO.

Não a-deffenda. Ella jurou pela honra de seu pae guardar zelosa um grave segredo; jurou-o antehontem, e um dia depois já o-tinha revelado, vendido esse segredo, vendido a honra de seu pae!...

PEDRO.

Damiana!...

DAMIANA.

É falso! em nome de Deus eu protesto que é falso!...

GRACIANO, mostrando uma carta.

E esta carta que me foi entregue, ha poucos instantes, e que me annuncia que sou perseguido pela policia, que a minha casa está sendo varejada, e que Damiana foi a denunciante do meu crime?...

PEDRO.

Um crime?... a policia?... meu Deus!...

DAMIANA, que examinou a carta.

A letra d esta carta se acha contrafeita; eu, porém, reconheço : é a letra de Leoncio de Almeida... elle sabe tudo!...

GRACIANO.

E quem lh'o-disse, desgraçada?...

DAMIANA.

Não fui eu... não fui eu...

PEDRO.

Houve um crime em todo o caso : um crime... e o nome de minha filha...

DAMIANA.

Sou innocente, meu pae.

PEDRO.

Mas esse crime...

DAMIANA.

Jurei pela sua honra não violar este segredo...

GRACIANO.

Já o-revelaste : já recebeste a paga vil e indigna dos denunciantes... Falla pois á todos os ouvidos, falla em voz alta, e dize que te prestando á fazer parte de uma companhia secreta, entraste no dominio dos seus arcanos, e depois foste vendel-os á policia, á pezar de conservares em tua casa a prova irrecusavel de que és criminosa tambem; porque ali está uma caixa que contem uma somma enorme de bilhetes falsos...

PEDRO.

Moeda falsa!... minha filha cúmplice em um roubo!... meu Deus! Eu não suportarei a vida com esta vergonha!

CHRISTINA.

Damiana! dize que esse homem está mentindo!...

DAMIANA.

Elle mente : eu não sou criminosa. Meu pae, antehontem quando me preparava para suicidar-me, Graciano me appareceu, fallou-me do pôder da riqueza, desvairou-me sustentando, que sendo muito rica, eu consegueria impôr-me á sociedade e fazer a ventura de minha irmã : depois offereceu-se a dar-me os meios de chegar á opulencia... Prendeu-me por um juramento, e abusando da minha situação, arrancou-me a promessa de ligar-me a essa companhia.

PEDRO.

Infeliz; porque não te mataste n'essa noite?...

DAMIANA.

Mas eu arrependi-me ainda a tempo. Hontem retirei a Graciano a minha louca promessa, neguei-me á guardar-lhe na minha casa essa caixa fatal, que no emtanto ficou aqui, porque elle fingiu ouvir um gemido de meu pae, e aproveitando o momento em que corri ao seu quarto, deixou-a sobre a mesa com uma intenção evidentemente insidiosa.

PEDRO.

Ouviu o que ella acabou de dizer, snr. Graciano?..

Tudo aquillo é verdade... tudo se passou assim... Damiana foi apenas imprudente, e da imprudencia ao crime ha um abysmo... Então?... falle... responda, senhor...

GRACIANO.

Respondo que esta mulher me denunciou e que eu hei de vingar-me... Sim! ella disse a verdade ; se, porém, conseguisse escapar ao castigo que provocou, e fôssemos ambos prezos, juro-lhe que em face dos juizes eu saberia contrariar a sua deffeza, e accusal-a de cumplicidade no meu crime.

PEDRO.

Não o-fará, não : seria a maldade mais requintada! O sur. tem coração; não quererá com uma calunnia e de um só golpe matar a filha e o pae. A minha Damiana está innocente; não a-perca, não a-comprometta. Tenho mais de sessenta annos, e até hoje nunca dobrei os meus joelhos á homem algum; agora, porém... (ajoelhando-se) veja! estou á seus pés!... compadeça-se d'este pobre velho!... Pelo amor de Deus!... não me roube minha filha!...

GRACIANO.

Ella denunciou-me : hei de vingar-me.

DAMIANA, a Pedro.

Levanta-se, meu pae; não deve curvar-se diante d'este homem! (A Graciano.) Já o-disse uma vez, senhor; não fui eu que o-denunciei : somos ambos victimas de Leoncio de Almeida, e apesar da minha innocencia, esse cofre me perderá!...

PEDRO.

Esse cofre... eu o-farei desaparecer. (Lançando-se para a mesa.)

GRACIANO pondo a mão na caixa.

Não : é um penhor valioso, de que ninguém será capaz de privar-me. Ou sahirei com segurança d'esta casa, ou a policia prendendo-me, encontrará também a prova da cumplicidade de Damiana.

CHRISTINA, á parte.

É um homem implacavel ! (A Graciano.) Tenha piedade de nós...

GRACIANO.

A policia já sabe que existe aqui essa caixa, e o seu desaparecimento faria avultar ainda mais terriveis suspeitas.

PEDRO.

Tem razão... pois bem... vamos queimar os bilhetes falsos, e substitui-los por joias... Abramos a caixa...

GRACIANO.

Queimar os bilhetes?... (Examinando.) A chave não está aqui... a caixa foi aberta... (A Damiana.) A chave?... onde está a chave?...

PEDRO.

Sim, a chave, Damiana, a chave...

DAMIANA.

Ah ! esta noite meu pae na vehemencia do seu delirio

apoderou-se d'essa caixa, fechou-se n'esta sala, e quando nos abriu a porta, não poude mais encontrar a chave, e debalde a-procurei por toda a parte.

PEDRO.

Será possível !...

GRACIANO.

Não : Damiana esconde-me a chave para completar a sua perfidia; ella queimou talvez os bilhetes; pretende rir-se de mim e pensa que ficará impune, entregando-me à justiça, está, porém, em minhas mãos e trema, porque...

SCENA V

DAMIANA, PEDRO NUNES, CHRISTINA, GRACIANO, e BEATRIZ correndo.

BEATRIZ.

A casa está cercada de soldados... alguns já se achão na sala.

PEDRO.

Meu Deus! compadecei-vos de minha filha!...

CHRISTINA, correndo para Damiana.

Damiana! minha irmã!...

DAMIANA.

Graciano! eu tinha o presentimento de que me havias de ser fatal!...

SCENA VI

DAMIANA, PEDRO NUNES, CHRISTINA, GRACIANO, BEATRIZ,
LEONCIO DE ALMEIDA, AUTORIDADE POLICIAL e SOLDADOS. —
DAMIANA e GRACIANO sahem logo.

DAMIANA, com horror.

Leoncio de Almeida!...

AUTORIDADE, mostrando Graciano.

Não deixem sahir este homem. (A Damiana.) A snra. é accusada de um crime gravissimo...

PEDRO.

Mas eu juro pela minha honra, pela alma de minha mãe, juro por Deus, enfim, que minha filha está innocente...

AUTORIDADE.

Estimarei convencer-me disso; acaba, porém, de se denunciar á policia que existe n'esta casa uma grande somma de notas falsas: se as não encontrarmos, a snra. nada terá que receiar. Vou proceder á busca.

DAMIANA.

Meu Deus! Oh!... (Á parte.) Não posso... não verei abrir-se aquelle cofre sinistro! (Vai-se.)

GRACIANO.

Ella não conseguirá escapar-me. (Segue-a.)

AUTORIDADE, aos soldados.

Sigão e não pèrcão de vista esse homem e essa mulher.

(Os soldados vão seguir.)

LEONCIO.

Não é preciso : a prova do seu crime está sobre aquella mesa. (Os soldados párao.)

PEDRO.

O filho de Gervasio de Almeida!...

LEONCIO.

Ali está a caixa : mande abril-a... (A autoridade faz um signal : os soldados tratão de arrombar a caixa.)

PEDRO.

Ha nove annos seductor!... denunciante hoje!... (Os soldados quebrão a tampa da caixa.)

LEONCIO.

Ahi dentro ha de achar o crime, a indignidade, a infamia...

AUTORIDADE, examinando a caixa.

Snr. Leoncio de Almeida, esta caixa está vazia...

PEDRO.

Oh! Providencia!... (Christina abraça a Pedro.)

DAMIANA, dentro : grito pungente.

Ah!... (Soldados correm para dentro.)

PEDRO.

Minha filha!... (Vai precipitar-se para dentro e Damiana vem cair-lhe nos braços.)

SCENA VII

CHRISTINA, PEDRO NUNES, BEATRIZ, LEONCIO DE ALMEIDA.
AUTORIDADE POLICIAL, DAMIANA ferida no peito; GRACIANO,
que é levado pelos SOLDADOS que o-prendem; SOLDADOS e logo,
LEONEL DA SILVA.

DAMIANA.

Meu pae!...

PEDRO.

Minha filha!... ferida!... socorro!... socorro!...

CHRISTINA.

Minha irmã!... (Pedro e Christina procurão socorrer Damiana, etc.)

AUTORIDADE.

Condúzão a prisão o assassino; e um medico, um medico depressa. (Vão-se os soldados levando Graciano.)

DAMIANA.

É inutil... eu sinto que vou morrer...

PEDRO.

Não! tu não has de morrer... eu preciso... eu quero que vivas...

LEONCIO.

Creio que posso retirar-me...

AUTORIDADE.

O snr. terá a bondade de ficar : deve acompanhar-me até o fim...

DAMIANA, esforçando-se.

Leoncio de Almeida... eu morro... folga e ri! ha nove annos, tu me seduziste, e a sociedade... que me proscreeveu... não te degradou... nem te baniu do seu seio... hoje... armaste o braço do meu assassino... e amanhã... a sociedade... ainda terá para ti como d'antes... afagos... honras... e grandezas... folga e ri!... dize, porém, á sociedade... que é iniquio... atormentar as victimas... e abraçar os algozes... dize-lhe... que despreze, sim... e puna... as mulheres que se deixão seduzir... mas que despreze... e castigue ainda mais... os seductores que as-levão á perdição!... (Com muito esforço.) Leoncio de Almeida!... folga e ri!... mas treme da justiça de Deus!...

LEONEL, correndo a Damiana.

Damiana!...

DAMIANA.

Leonel... bemvindo sejas! o espectro... que te separava de Christina... vai desaparecer... eis tua esposa... faz-a... feliz... consola meu pae...

LEONEL.

Sim... sim... eu o-juro

DAMIANA.

Oh!... Christina... Leonel... adeus!... meu pae!... perdão!... abençõe-me... e adeus!... (Morre.)

CHRISTINA, desmaiando nos braços de Leonel.

Ah!...

PEDRO, abraçado com Damiana.

Minha filha!... minha filha!...

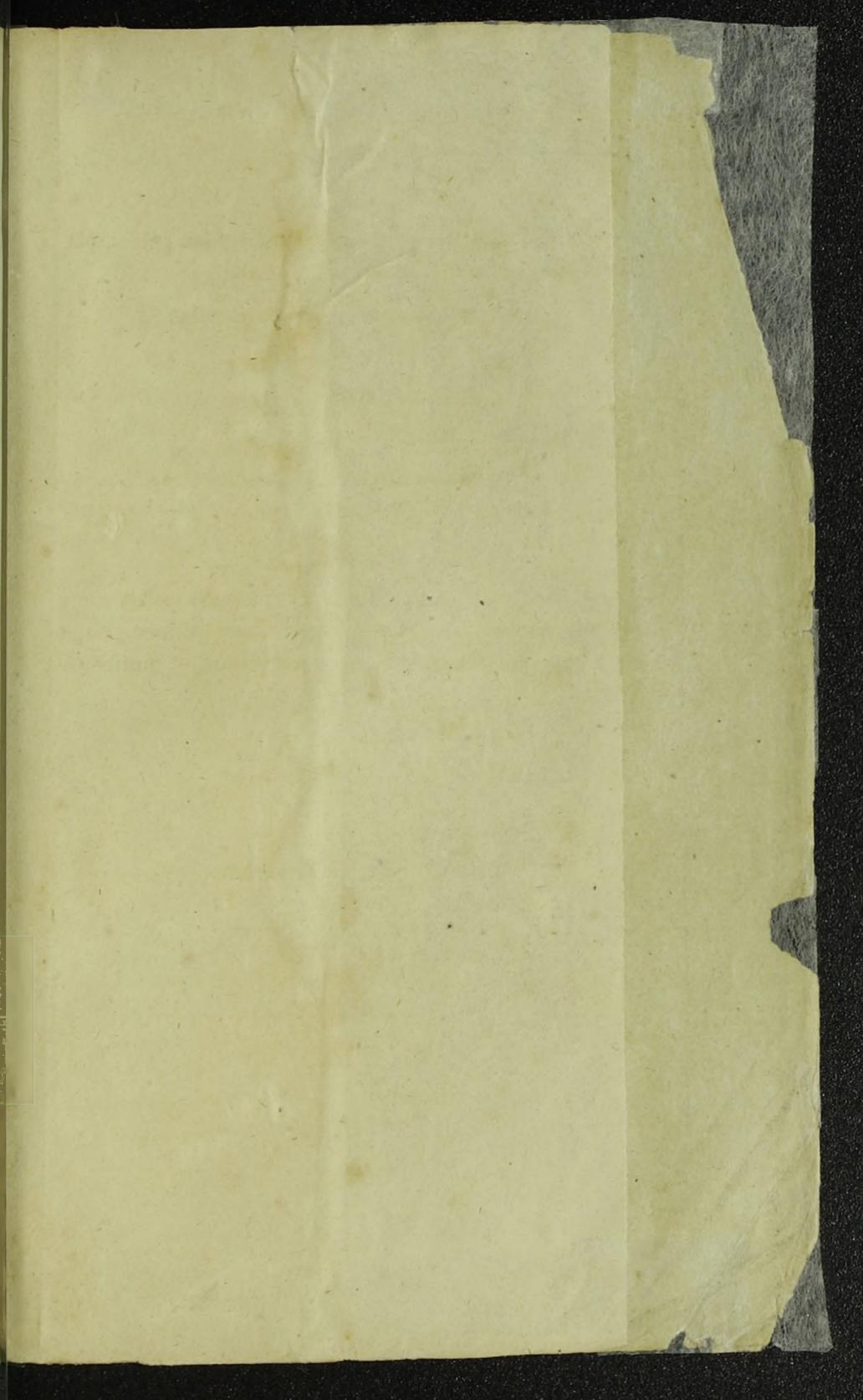
LEONCIO, dando um passo.

Leonel da Silva...

LEONEL.

Snr. Leoncio de Almeida, silencio! aquelle cadaver é o da sua victima; aquelle velho que chora, é meu pae, e esta snra. que desmaiou em meus braços, é minha esposa.

FIM DO QUARTO E ULTIMO ACTO.



LIVRARIA DE B. L. GARNIER

THEATRO

DO AUTOR

J. M. DE MACEDO

3 vols. en 8°

VOL. 1° . . { LUXO E VAIDADE
PRIMO DA CALIFORNIA.
AMOR E PATRIA

VOL. 2° . . { A TORRE EM CONCURSO.
O CEGO.
COBÉ
ABRAHÃO.

VOL. 3° . . { LUSBELA.
PHANTASMA BRANCO.
NOVO OTHELLO.

Vende-se cada volume separadamente

PARIS. — IMP. SIMON RAÇON ET COMP., RUE D'ERFURTH, 1.